

Ensino e Missão Jesuíta no Oriente¹

Leonor Diaz de Seabra
Maria de Deus Beites Manso
U.Macau/CIELA
U.Évora/NICPRI.UÉ

1. Missões na Índia

1.1 Província do Norte - Goa²

A Bula *Regimini Militantis Ecclesiae* de 27 de Fevereiro de 1540 assinala a fundação oficial da Companhia de Jesus. Constituídos em torno de Inácio de Loyola deram origem a uma nova Ordem, que viria a alcançar o seu ideal apostólico de missão nas suas vertentes educativa e missionária. A sua primeira atividade apostólica foi ao serviço da Coroa Portuguesa. Assim, inseriram-se na estrutura missionária do Padroado Português e acabaram por irradiar uma imensa pregação dos espaços e sociedades não-europeus, encontrando, precisamente nos espaços ultramarinos concorridos pelas conquistas e tratos ibéricos, uma das grandes polarizações e novidades do seu carisma e ordem religiosos³ – chegaram a regiões distantes, entre outros espaços Brasil, Índia, Indonésia, Malásia, Japão e China. O seu trabalho originou uma nova ideia de *missão* que, subjacente ao impulso evangélico das origens da Companhia, se começou por organizar em torno de uma dinâmica

¹ O trabalho conta com o Apoio da FCT. O estudo conta, igualmente, com o apoio da Fundação Macau China – pela atribuição de uma bolsa de curta duração, 2009, para Macau, tendo-me permitido a possibilidade de uma visão comparada sobre a ação dos jesuítas no Oriente e tornando possível a reescrita e ampliação do tema, que agora se apresenta em co-autoria com a Prof^{ta} Leonor Diaz de Seabra.

² Atendendo à complexidade da designação administrativa das regiões sob orientação espiritual ou, apenas, de presença jesuíta, não iremos utilizar os nomes oficiais com que, ao longo dos anos, foram designadas. Por opção própria, devido à relevância que alguns “nomes geográficos e/ou administrativos” conseguiram ao longo do tempo, resolvemos aplicá-los. O estudo incide, essencialmente, sobre o ensino.

³ António da Silva Rego, *O Padroado Português do Oriente, Esboço Histórico*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1940.

concepção de «conquista espiritual» com que se procurava converter à fidelidade da Igreja de Roma todo aquele que «simplesmente» ignorava ou se havia afastado das doutrinas católicas.

Na Índia, os jesuítas criaram a Província do Norte, Goa, e a do Sul, Malabar. Uma das características foi a construção de edifícios, onde se desenvolve ensino e uma base para as missões. Embora um novo conceito se tenha, atualmente, conferido ao termo colégio, tomemos como exemplo os estudos recentes de Jin Guo Ping os quais questionam que não se tratava de um espaço de escolarização e formação para os jesuítas, mas de uma espécie de *agregado* da Ordem, isto é, seria um lugar no sentido amplo e não restrito do conceito tal como hoje o entendemos, mas nós iremos optar pela *leitura tradicional* e entendê-los, sobretudo, como locais de ensino: “ciência” e doutrina. Usando a terminologia do padre Francisco Rodrigues foram muitos os Colégios e Seminários construídos pela Ordem. No entanto, nem todos lograram a mesma notoriedade. Perscrutando as fontes não encontramos ou quase não encontramos referências em relação à sua atividade⁴. Muitos deles não passaram de centros de propagação missionária. Muitos deles ficavam-se pelo ensino das primeiras letras e “humanidades rudimentares”⁵.

⁴ Independentemente da discussão, indicamos, baseadas na informação recolhida na obra de Francisco Rodrigues, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões*, Porto, Edições do Apostolado de Imprensa, 1935, os seguintes colégios e residências nas duas províncias jesuítas, na Índia: **Província de Goa**: Seminário de Santa Fé de Goa (1542); Colégio de S. Paulo (1548); Colégio de Jesus de Baçaim (1548); Colégio de Santo Inácio de Rachol (1574); Seminário de Rachol (ano da fundação desconhecido); Colégio das Onze Mil Virgens de Damão (1581); Colégio da Madre de Deus de Taná (1599); Seminário de Taná (1551); Colégio do Espírito Santo de Diu (1601); Colégio de S. Pedro e S. Paulo de Chaul (1611); Colégio de Ascensão de Moçambique (1613); Colégio da Ascensão de Moçambique (1613); Colégio de N^a S^a do Nascimento de Agra (1630); Escola de Bandorá (1576). **Província do Malabar**: Colégio da Madre de Deus de Cochim (1560); Seminário de Cochim (1560); Colégio de Malaca (1576); Seminário de S. Cruz de Vaipicota (1584); Colégio de Coullão (séc. XVI); Seminário de Coullão (séc. XVI); Colégio de Tuticorim (séc. XVI); Seminário de Tuticorim (séc. XVI); Colégio de Meliapor (séc. XVI); Seminário de Meliapor (séc. XVI); Colégio de Ternate (séc. XVII); Colégio de Cranganor (séc. XVII); Colégio de Colombo (séc. XVII); Colégio de Jafanapatão (séc. XVII); Colégio de Bengala (séc. XVII); Colégio de Negapatão (séc. XVII); Colégio de Ambalacata (1633); Seminário de Ambalacate (1663); Colégio do Topo (séc. XVII).

⁵ Domingos Mauricio, “Para a História da Filosofia Portuguesa no Ultramar. I: Índia”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, Lisboa, Janeiro - Março, Fac. I, 1945, p.177.

Na Ásia destacam-se, sobretudo, três colégios fundados pelos jesuítas: S. Paulo de Goa, S. Paulo de Macau e S. Paulo de Nagasaki.

A primeira experiência missionária que teve resultados de sucesso foi em Goa. Aqui, havia quase meio século que se tinha iniciado um processo de ocidentalização e cristianização das populações, incidindo, sobretudo, na destruição das culturas locais, obrigando as populações locais a submeterem-se à jurisdição portuguesa⁶. Era a primeira cidade da Ásia sujeita à soberania portuguesa. Em 1533 foi criada a diocese de Goa e foi instituída em arcebispado metropolitano em 1557, tornando-se não só a capital política, mas também o centro económico, cultural e religioso da Índia Portuguesa, dando origem a uma série de fundações, não só para difundirem o Cristianismo, mas também para o desenvolvimento do clero e para a difusão das letras e da cultura ocidental, como foi o caso da fundação de colégios e seminários⁷.

A primeira instituição a ser formada foi a Confraria da Santa Fé (1540), obra de beneficência, favorecida com bens confiscados aos templos hindus⁸; criou-se um seminário em 1542 (Seminário da Santa Fé de Goa), construído pelo Vigário Geral Miguel Vaz e pelo padre Diogo Borba, tendo sido entregue aos Jesuítas no ano seguinte.⁹ A 8

⁶ Teotónio R. de Souza, *Goa Medieval. A Cidade e o Interior no Século XVII*, Lisboa, Ed. Estampa, 1994, p. 87, escreve: “Quando nos anos 40 do século XVI, adoptaram a política de conversão, os Portugueses destruíram quase trezentos templos hindus em cada uma das três talukas. Uma média de quatro a cinco templos em cada aldeia sugere que terá sido exercido sobre a vida rural um inimaginável controlo religioso”.

⁷ Luís Filipe F. R. Thomaz, *De Ceuta a Timor*, Lisboa, Difel, 1994, pp. 248-254.

⁸ A primeira atribuição das rendas dos pagodes foi feita pelo vedor da Fazenda, Fernão Rodrigues de Castelo Branco, quando servia de Governador, na ausência de D. Estêvão da Gama, a 28 de Junho de 1541. Era cativa de encargos para a restauração de algumas hermidas e capelães da cidade. *Documenta Índica*, Joseph Wicki (ed.), Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1948, Vol. I, pp. 756-771. Martim Afonso de Sousa, a 2 de Agosto de 1542, consignou-a aos Padres da Companhia (*ibidem*, pag. 801) permitindo-lhes que arrendassem a recolha dela ao brãmame Ramu Sinay (*Ibidem*, pp. 804-808). Essa provisão perdeu-se. Jorge Cabral publicou, então, novo diploma de manifestação de terras, para se lavrar o respectivo tombo (*Ibidem*, p. 498).

⁹ Foi fundado por Miguel Vaz e Diogo Borba: “desde 1542 começaram os jesuítas a ter nele ingerência como professores e directores espirituais e, pouco depois, como reitores, mas só em 1548 foi totalmente confiado à Companhia”: Francisco Rodrigues, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões*, 2ªed., Porto, Ed. Apostolado da Imprensa, 1935, p. 58. *Documenta*

de Março de 1546, D. João III doou-lhe uma tença anual de 800.000 reis, a arrecadar nas rendas reais da cidade de Goa¹⁰. Quando S. Francisco Xavier aqui chegou, apurou que a maioria dos alunos só sabia ler, rezar e escrever. Francisco Xavier aconselhou a introdução do ensino da Gramática, “alguma cousa de Sagrada Escritura ou de Matéria de Sacramento”¹¹ e, para se evitarem discórdias e inimizade entre os alunos, apenas decidiram aceitar os nativos puros, excluindo portugueses e mestiços¹². A entrada dos alunos caía entre os treze e quinze anos de idade, por causa do conhecimento que já tinham da língua. Esses, ordenados sacerdotes, pregariam o Evangelho nas suas próprias terras.

Mas o principal colégio jesuíta na Índia foi fundado em 1548, Colégio de S. Paulo de Goa¹³, ao qual ficou anexo o Seminário da Santa Fé. Juntamente com o colégio da Madre de Deus de Macau foi um dos

Indica, Joseph Wicki (ed.), vol.I, Roma, Insitutum Historicum Societatis Iesu, 1948.

¹⁰ G. Schurhammer; J. Wicki, *Epistolae S. Francis Xaverri*, Tomo I, Romae, Monumenta Historica Societatis Iesu, 1945, pp.108-109.

¹¹ Padre Niceno de Figueiredo, *Pelo Clero de Goa. Duas Lendas: O Cisma de Goa e Ignorância do Clero Goês*, Bastorá, Tip. Rangel, 1939, p. 312. Uma carta datada de Goa, 1542, publicada por Joseph Wicki, *Documenta Indica*, vol.I, p.121, diz aí serem ensinadas: gramática, artes, lógica, filosofia e teologia. Recomenda que os alunos sejam ensinados pelos livros e doutores mais apropriados à religião. Numa nota, Joseph Wicki diz ser a *Rationis Studiorum*. Luís Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor*, pp.254-255 também escreve que nessa altura se ministrava cátedras de Latim, de Filosofia, de Moral e de Dogmática e em 1545 D. João de Castro criou as escolas paroquiais, onde se ensinava português, doutrina cristã e música sacra. Domingos Maurício, “Para a História da Filosofia Portuguesa no Ultramar”, não nos fornece essas informações. Registrou o que o Padre Niceno Figueiredo escreveu e muitas dessas matérias só aparecem integradas no currículo do Colégio de S. Paulo.

¹² *Documenta Indica*, Vol. I, p. 142, carta do Padre Lancilote, de 1546. Salvo raras exceções, essa regra manteve-se ao longo dos tempos. S. Francisco Xavier recomenda, o seguinte: “... habia dos razones por las que nom se podia reclutar de entre los nativos la Companhia de Jesús en la Índia: primeira, siendo la mayoria de ellos de carácter débil, nada se podria conseguir sin portugueses; y segunda, porque los portugueses de la Índia solo querian confesarse com Padres portugueses y nunca com indios e mestizos ...El padre Maestro Francisco estaba de acuerdo en lo referente a la fundación de los colégios para portugueses y nativos.” - Georg Schurhammer, S. J., *Francisco Xavier. Su vida y su tiempo*, T.III: *Índia: 1547-1599*, Gobierno de Navarra, Compañía de Jesús, Arzobispado de Pamplona, 1992, p. 446.

¹³ Luís Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor*, p. 255, indica o ano de 1557 como ano da construção do Colégio de S. Paulo, mas todas as outras fontes referem 1548.

principais centros de cultura europeia em toda a Ásia. Nesse mesmo ano o Reitor, padre António Gomes, baseado no fraco rendimento pedagógico e moral dos alunos, procedeu de imediato à sua reorganização, optando pela separação dos alunos indígenas dos alunos portugueses, preferindo os colegiais portugueses¹⁴. Os colegiais indígenas passaram a viver à parte e defendia que esse estabelecimento de ensino se destinava, simplesmente, à formação superior. Tal fato levou à *desistência* dos estudantes indígenas, causando grande celeuma na cidade.

Com a vinda do novo governador, António Gomes, o colégio indígena foi restaurado, mas limitando a permanência dos alunos até aos quinze anos, para aprenderem a ler, escrever, rezar e latim. Chegados a essa idade, podiam voltar para suas terras como catequistas ou elementos cristãos de escol, se não quisessem entrar na carreira eclesiástica. A mobilização do pessoal começou logo. O padre Lanciloto encaminhou quinze crianças de Couilão, das quais nove eram da Costa da Pescaria. De Baçaim e Cochim, enviaram também algumas, devendo, em breve, o número de colegiais abranger quarenta, mas, com o objetivo de completar oitenta crianças, na primitiva instituição¹⁵.

Em 1549, o Governador Jorge Cabral publicou uma provisão, pela qual sujeitava todos os portadores de bens dos antigos templos gentios e seus servidores a declará-los ao vedor da Fazenda, Álvaro Afonso, a fim de que este os fizesse entrar no tombo do Colégio da Santa Fé e as respectivas rendas pudessem ser arrecadadas, sem trabalho, aplicando sanções rigorosas aos ocultadores¹⁶.

O colégio de S. Paulo considerava-se como uma Escola apostólica da Ordem e como Seminário de missões para a formação do clero indígena para os países localizados a Este do Cabo da Boa Esperança.¹⁷ Era destinado a alunos de Filosofia e Teologia da Companhia e a todos

¹⁴ *Documenta Indica*, vol. II, pp. 10-11;15, 140.

¹⁵ *Documenta Indica*, vol.II, pp. 142 e 148,

¹⁶ Domingos Maurício, “Vice-Reis e governadores xaverianos. Jorge Cabral: Ceilão e Malabar”, *Broteria, revista contemporânea de Cultura*, vol. LVIII, fasc. 2, Lisboa, 1954, p. 219.

¹⁷ Georg Schurhammer, S. J., *Francisco Xavier: Su vida y su tiempo*, T.III, p.321.

Idem, *Ibidem*, p. 322.

aqueles que frequentavam outros colégios e manifestassem capacidades para estudos de Filosofia. Segundo a opinião do padre Simão Rodrigues, esse colégio “debía transformar-se en un segundo Coimbra, en una universidad de la Orden para filosofía e teología”¹⁸, e aquí “Enseñarán por los libros y doctores más acreditados en su Orden”¹⁹. A sua organização, quando comparada com os colégios na Europa, não tinha diferenças notáveis²⁰. Mas seu funcionamento, devido à sua inserção local, tornava-o diferente. Por exemplo, nele falavam-se entre oito e dez línguas distintas e, no início, quando os alunos não dominavam ainda o português, limitavam-se a repetir o que escutavam. A fim de dispensarem intérpretes, quer nas funções educativas quer missionárias, insistiu-se na importância de os padres estudarem as línguas locais.

No Colégio de Goa os estudos organizavam-se em três classes de latinidade, um curso de Artes, três lições de Teologia especulativa e moral e uma de Escritura Sagrada²¹, “continuando a tradição do humanismo com o método sólido e racional da *“Ratio Studiorum”*”.²² A *Ratio* chama a atenção dos jesuítas para a necessidade de respeitar as *Constituições*, quanto ao programa de estudos, o que implicava o

¹⁸ Idem, *Ibidem*, p. 445. Sobre o *Curso Conimbricense*, aconselhamos a seguinte leitura: Alfredo Dinis, “Tradição e transição do Curso Conimbricense”, *Revista Portuguesa de Filosofia. Filosofia em Portugal, VI. Comemorando 450 anos da Companhia de Jesus*, Braga, Outubro-Dezembro, T. XLVII, Fasc. 4, 1991.

¹⁹ Idem, *Ibidem*, p. 322.

²⁰ Adelino de Almeida Calado, no artigo “Um Documento seiscentista da Companhia de Jesus na Índia”, *Brotéria*, Lisboa, vol. LXIII, nº1, 1957, pp. 13, escreve: “Nas Províncias do Oriente observavam-se programas idênticos, embora simplificados.” O autor não refere se esta comparação é relativa à Índia. Eu assumo-a como tal.

²¹ Francisco Rodrigues, *A Formação Intelectual do Jesuíta*, Porto, Livraria Magalhães e Moniz Ed., 1917, p. 173. Francisco de Souza, *Oriente Conquistado*, conq. I, div. II, & 41, citado por Adelino de Almeida, “Um Documento seiscentista da Companhia de Jesus na Índia”, *op. cit.*, p. 13: “juntamente com a virtude e bons costumes, ensinarem aos moços e estudantes, letras humanas e divinas, scilicet, Latim, Artes, Filosofia e Teologia moral e especulativa, e em muitas partes também os meninos a ler e escrever.”

²² Francisco Rodrigues, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões*, p. 7. Aconselhamos a seguinte leitura: Miguel Maria Santos Corrêa Monteiro, *Os Jesuítas e o Ensino Médio. Contributo para uma análise da respectiva ação pedagógica*. Texto policopiado, Lisboa, 1991 e “Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599-1999)”. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Julho-Setembro, T. LV, Fasc.3, 1999.

seguimento de Aristóteles corretamente interpretado, a não ser nos casos pontuais em que fosse de todo impossível harmonizar as posições do *Estagirita* com a ortodoxia da fé católica²³. Para Domingos Maurício, a organização dos estudos secundários compreendia Música, Gramática, Retórica, Filosofia e Teologia. No colégio, destinado aos alunos jesuítas e também a seculares, ensinavam-se as primeiras letras, a escrever e a contar. A partir de 1556, as aulas do colégio tornaram-se públicas, com três classes de latinidade, um curso de Filosofia e uma cadeira de Moral. Acabado o curso de Artes, acrescentaram-se duas cadeiras de Teologia Especulativa²⁴. Essa organização de estudos parece ter-se mantido até à saída dos Jesuítas, pois, no século XVII, Fernão Guerreiro refere que no Colégio de Goa se lê Latim, Artes, Teologia e casos de consciência e há também escola de meninos.²⁵ Luís Filipe Thomaz diz-nos que aqui

²³ Alfredo Dinis, “*Tradição e transição no Curso Conimbricense*”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Outubro-Dezembro, Tomo XLVII, Fasc. 4, 1991, p. 538. O autor do texto escreve que essa obrigação não constituiu obstáculo à liberdade de investigação dos jesuítas.

²⁴ Domingos Maurício, *op.cit.*, pp. 178-179. O Padre António Quadros foi o primeiro lente de Filosofia, um dos eminentes professores da universidade de Coimbra. O padre Niceno de Figueiredo, *Pelo Clero de Goa. Duas Lendas o Cisma de Goa e a Ignorância do Clero Goês*, Tip. Rangel, Bstora, 1939, p. 313, citando Mariano Saldanha escreve também que os estudos jesuíticos só começaram em 1555, com a chegada do P. António Quadros e consistiam em gramática e casos de consciência.

²⁵ Citado por Domingos Maurício, *op. cit.*, p. 181. Também um documento datado de 1666, escrito por Manuel Barreto, publicado e analisado por Adelino de Almeida Calado, *op. cit.*, diz-nos que nessa altura, o Colégio de S. Paulo “Tem escolas geraes com tres mestres de Latim, hum de Philosophia, tres de Theologia. Tem mais escolas de ler, escrever e contar, com Religiosos por Mestre e dous ajudantes seculares assalariados”. *Documenta Indica*, vol. II, 1557, na introdução escreve que o Colégio tinha: Estudos Gerais: 2 classes de humanidades, lógica, teologia, especulativa e moral; Escola Elementar: ensino da leitura, escrita, contas e o ensino da doutrina cristã; no Ginásio já liam Cícero, Virgílio, Ovídio e Sédulo. Na Filosofia seguiam Aristóteles e na Teologia, S. Tomás. Para uma melhor eficácia do ensino utilizavam: discussões públicas, conclusões e representações públicas. Um documento também citado por Joseph Wicki, *Documenta Indica...*, vol. XVI, pp. 994, indica-nos o nome de professores associados às respectivas matérias: Professores de Teologia, Casos, Filosofia, Humanidades e Escola de Ler e Escrever. Teotónio de Souza, *Goa Medieval*, p.91- dá-nos mais algumas informações, mas lamenta a falta de fontes para o esclarecimento sobre a matéria: “Não há muita informação que nos permita alargarmo-nos sobre o modo como era conduzido o ensino, ou sobre a natureza dos currículos. Mas nas escolas mais desenvolvidas, a cargo das ordens religiosas na Velha Goa, dos Jesuítas em Rachol, e dos Franciscanos em Reis Magos, o currículo incluía língua e literatura latina, conhecimentos religiosos artes liberais, incluindo música vocal e instrumental. Havia

também funcionou durante algum tempo “secularizada e tornada a *Aula de Medicina* em 1703, depois reforçada por uma *Aula de Cirurgia* em 1716, constituiu assim o embrião da *Escola Médico-Cirúrgica* instituída oficialmente em 1842”²⁶.

No que diz respeito ao ensino da Matemática não encontramos muitas informações, exceto ao referirem que nos dois colégios se ensinava a contar. No entanto, o historiador Ugo Baldini diz-nos que possivelmente (...) toda a província missionária deveria de dispor de um *cursus studiorum* completo, com um triénio de filosofia incluindo um ensino anual de matemática e deveria formar automaticamente especialistas em todos os sectores. Por conseguinte, também para a matemática se deveria desenvolver um automatismo reprodutivo, mas durante muito tempo isso não aconteceu. Só alguns colégios “máximos” das províncias asiáticas tiveram o “cursus” completo (só Goa e Macau com continuidade). (...) Algumas vezes, como nos colégios ibéricos,

igualmente lições na língua vernácula, destinadas a formar catequistas, que depois regressavam às suas aldeias e auxiliavam os sacerdotes das suas paróquias na conversão dos outros aldeões. Na escola de S. Paulo, para rapazes, dirigida pelos jesuítas na cidade de Goa, prestava-se atenção especial à aritmética, porque essa era uma área muito apreciada pelos nativos de mente voltada para os negócios. Os relatos de Jesuítas da época dizem que não era raro encontrar adultos nas aulas de aritmética.” Do que citamos sobre as matérias lecionadas no Colégio de S. Paulo, parece haver algumas diferenças nas matérias lecionadas e, sobretudo, quando elas foram introduzidas. Por isso, optei pela apresentação das diferentes citações e sou da mesma opinião de Teotónio de Souza que, infelizmente, as fontes não são muito esclarecedoras e algumas matérias não estão suficientemente tratadas. Parece-me que, na prática, o Colégio de S. Paulo era formado por duas instituições, uma para os que queriam ser padres, sendo obrigados a aprender o latim clássico, Filosofia e Teologia Moral, e a outra para os que queriam ser literatos e saber matemática (aparece assinalada como contar).

²⁶ Luís Filipe Thomaz, *op cit.*, p. 255. Adelino de Almeida, *op. cit.*, p.13, sem referir qualquer colégio e época, generalizando todos os colégios jesuítas. Mas dado o artigo se referir à Índia, penso que se refere aos colégios da Índia. Diz-nos que aí não existiu medicina, portanto não partilha da informação de Luís Filipe Thomaz: “ Ficavam excluídas a Medicina e o Direito (Leis), que não interessavam à finalidade da pedagogia inaciana. Nas Províncias do Oriente observavam-se programas idênticos, embora simplificados”. De fato, os estudos que nós consultamos têm dificuldade em indicar uma data precisa para a inauguração do ensino da medicina em Goa até o séc. XIX. Alberto Germano da Silva Corrêa, *História do ensino médico na Índia Portuguesa*, Nova Gova, Imprensa Nacional, 1917, escreve na p. 3: “Se 1534, pode ser considerado como um esboço de tentativa de inauguração da aprendizagem médico-cirúrgica em Goa, a data de 1691, representa uma tentativa a valer que infelizmente não se efectivou”.

os professores de filosofia suprimiram a ausência da matemática inserindo um tratado da “esfera” no curso de filosofia natural, mas semelhantes tratados elementares não davam uma preparação técnica. Assim também no século XVIII as missões dependeram da Europa para o pessoal matemático e quase totalmente para professores de filosofia e teologia”²⁷.

1.2 Província do Sul – Malabar

Observando as características da presença portuguesa no Malabar, o proceder dos missionários também se vai modelar por alguma peculiaridade. Aqui, a ação lusa subordinava-se à anuência dos reis locais; logo, o missionário europeu ou tinha a sua ação cerceada, ou resignava-se aos interesses da terra – adaptava-se²⁸. As comunidades cristãs que aqui estavam, quer a que remonta aos tempos do Apóstolo S. Tomé, quer a que se converteu na década de vinte do século XVI, e a ameaça holandesa na região, abalam seriamente as pretensões lusas, tanto no que toca ao comércio como à missão religiosa. O Cristianismo na Índia, segundo a lenda, remonta ao tempo do apóstolo São Tomé – Cristãos de S. Tomé – cristãos de rito oriental e, mais tarde, prende-se com a conversão ao Cristianismo, entre 1521-1527, pelos Franciscanos,

²⁷ Ugo Baldini, “As Assistências ibéricas da Companhia de Jesus e a atividade científica nas missões asiáticas (1578-1640). Alguns aspectos culturais e institucionais”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Abril-Junho, Tomo LIV, Fasc. 2, 1998, pp. 205-206. Para maior esclarecimento sobre o assunto, aconselhamos a leitura do texto em questão. Ugo Baldini refere que os missionários jesuítas durante as viagens para a Índia, estudavam várias disciplinas, como era o caso da matemática. Diz-nos também que as cartas trocadas entre as missões asiáticas e Roma contribuíram reciprocamente para a informação sobre a “ciência” em ambas as partes: o telescópio e as observações de Galileu no *Sidereus Nuntius* eram já conhecidos em Goa, em 1612, pp. 220-221. Também Cristóvão Bruno, em 1523, quando se encontrava em Goa, escreveu um pequeno tratado, que deu a conhecer a teoria da tenuidade dos céus a áreas tão distantes como a Pérsia, a Arábia e a Arménia: *De nova mundi Constitutione juxta systema Tichonis Brahe aliorum que recentiorum mathematicorum*.

²⁸ Sobre o assunto aconselhamos a leitura dos seguintes trabalhos: Jorge Manuel Flores, *Os Portugueses e o Mar de Ceilão. Trato, Diplomacia e Guerra (1498-1543)*, Lisboa, Ed. Cosmos, 1988; Thomaz, Luís Filipe, *op. cit.*, pp.189-289.

de milhares de Paravás (pescadores de pérolas, da Costa da Pescaria)²⁹. No caso destes últimos, as razões da conversão não foram de natureza dogmática, mas política, pois, atendendo à grande instabilidade na região, provocada pelos interesses portugueses e muçulmanos, estes aceitaram converter-se em troca de proteção do rei português.

Na província do Malabar havia, em Cranganor, desde 1540, um seminário franciscano, fundado por Frei Vicente de Lagos, destinado aos filhos dos cristãos de S. Tomé, com aulas de latim, teologia e canto-chão, com a finalidade de latinizar esta cristandade.

Quando, em Dezembro de 1548, Xavier passou por Cochim, levava o intento de edificar um colégio da Companhia nessa cidade³⁰. O projeto, todavia, não se concretizou. Mais tarde, quando o P. António Gomes, ainda em tempo de Garcia de Sá, percorreu o Malabar e visitou Cochim, cujo rei procurou também atrair à fé³¹, obteve do capitão Francisco da Silva Meneses e da população cristã uma extensa chã, coberta de palmares, com uma igreja adjacente, que fora fundada 40 anos antes, no melhor sítio da cidade, junto ao mar, por um fidalgo da família dos Mendonças e valeria mais de 1.100 cruzados. Juntaram a essas ofertas mais de 600 pardaus. Embora alguma documentação refira que, em 1549, já podiam albergar cinquenta pessoas e, em Janeiro de 1552, o colégio tinha 150 alunos portugueses, mestiços e indígenas³², Francisco Rodrigues indica 1560 como data da construção quer do colégio da Madre de Deus quer do Seminário de Cochim. No entanto, alguma documentação aponta que em 1594 no Colégio da Madre de Deus³³ já se lecionava o ensino elementar³⁴ e aí havia dois professores

²⁹ Referimos, apenas, a existência de grandes comunidades cristãs. Isto não invalida que não tenha havido conversões individuais e convictas. Com a finalidade de latinizar os cristãos de S. Tomé foi fundado o Colégio de Cranganor: A. M. Mundadan; *History of Christianity in India, vol. I: From The Beginning Up To The Middle of The Sixteenth Century*, Bangalore, Church History Association of India, 1989, p. 323. Aconselhamos a seguinte leitura: E. P. Anthony, *The History of Latin Catholics in Kerala*, Ernakulam, I. S. Press, 1992.

³⁰ *Documenta Indica*, vol. I, p. 417.

³¹ *Ibidem*, p. 556.

³² *Ibidem*, vol. I, pp. 289-291.

³³ *Documenta Indica*, Vol. I, p. 521.

³⁴ O catálogo de 1594, publicado por Joseph Wicki, *Documenta Indica*, vol. XVI: (1542-1594),

de humanidade: primeira classe e segunda classe e aula de latim, tendo nove alunos. Esse nunca atingiu o prestígio e nível de ensino do de Goa, no entanto foi fundamental para a instrução dos cristãos locais.

Independentemente do número de alunos e do currículo lecionado, juntamente com o seminário que tinha anexo, foi o principal centro de cultura em Cochim, fundado pelos jesuítas. Quando em 1605 foi criada a província do Malabar, transformou-se no principal colégio, cessando com a tomada de Cochim pelos holandeses, em Janeiro de 1663³⁵.

Uma outra região do Malabar que aqui queríamos destacar, não por aí se terem construído colégios, mas pela dificuldade que houve na conversão das populações locais é Maduré. Em 1559, a atuação missionária jesuíta alargou-se para interior, no sul da Índia, o Maduré, centro da cultura Tamil. O padre jesuíta Gonçalo Fernandes conseguiu consentimento do Naique – título do rei local – do Maduré para viver e doutrinar na região. Mas os resultados foram escassos. A força das castas e a ausência de apoio militar português na região dificultaram a entrada do Cristianismo, que até o momento se situava nas regiões costeiras. Os missionários eram tidos como pertencentes às castas dos intocáveis. O termo *farangi*, que qualificava os Europeus, tornou-se uma rejeição social. Os brâmanes não entravam em contato com tais missionários, que não respeitavam o preceito de pureza da casta. A província do sul, o Malabar, particularmente no interior, era uma das regiões que exigia maiores cuidados na aplicação das metodologias missionárias. Aqui, o poder era hindu e a ocidentalização conhecia uma série de obstáculos, que obrigava à adaptação dos missionários e a uma maior exigência pelo conhecimento das culturas locais. Pelo fato, não será demais afirmarmos que, no Maduré, se desencadeou uma *outra missão*, muito personificada na tarefa individual dos missionários.

O pioneirismo deveu-se a Roberto de Nobili, método desenvolvido a partir da experiência de Matteo Ricci, na China. Este,

p.1000, diz aí haver dois professores de humanidade: primeira classe e segunda classe e aula de latim, tendo 9 alunos.

³⁵ Francisco Rodrigues, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas missões*, p. 60.

era filho maior do conde Pier Francesco Nobili, general do exército, e pertencia à nobreza romana³⁶. Entrou na Companhia de Jesus em Nápoles, aqui cursou filosofia, estudou teologia no Colégio Romano e, em 1601, ofereceu-se para a missão da Índia, a recém criada missão do Maduré, de 1559. Chegou a Goa em Maio de 1605, deteve-se mais três meses em Cochim e outros três meses em Tuticorin e só em 1606 chegou ao Maduré.

Pouco depois da sua chegada, apercebeu-se de que a missão era totalmente inútil, sem um único convertido. O cuidado principal de Nobili foi assentar o Cristianismo e torná-lo *aberto* a gente de todas as castas. Depois de ter vivido alguns meses com o padre Gonçalo Fernandes, um dos *paranguis* (português), Nobili começou a viver sozinho, com a anuência do provincial e do ordinário, o arcebispo de Cranganor, D. Francisco Ros, iniciando uma adaptação à cultura local. Só assim nasceu a primeira comunidade cristã no Maduré (1606-1610), composta de dois brahmanes, duas famílias de Vellalas, três de Nayaks e de outros, num total de sessenta neófitos, construindo-lhes uma igreja de ladrilhos em estilo dravídico e conseguiu o apoio e ajuda do capitão Rama Sakthi, amigo da família Nayak. Permitiu o uso de alguns elementos da cultura hindu aos novos cristãos: linha bramânica (tríplice cordão de algodão que os brâmanes traziam a tiracolo da esquerda para a direita), *Kudumi* (tufo na cabeça), sândalo nas fricções corporais, banhos rituais, a continuação de sinais na testa que faziam a distinção das castas, entre os costumes. Para conseguir converter teve de aceitar alguns dos costumes hindus e abandonar alguns costumes ocidentais, inclusivamente nos ritos litúrgicos, como a utilização de saliva no rito do batismo. Levantaram-se vozes contra o seu método e a Santa Sé

³⁶ Sobre Nobili e a missão do Maduré ler: Fernão Guerreiro, *Relaçam annual que fizeram os padres da Companhia de Jesus nas partes da india Oriental & em algumas outras partes da conquista deste reyno no ano de 606 & 607 & do processo de conversão da christandade daquelas partes*, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1609, p. 112 e seguintes. Ler: Diogo Gonçalves, *História do Malabar*, Ed. Josef Wicki, Munster, Aschendorffsche Verlangsbuch Handlung, 1995; Gonçalo Fernandes, *Tratado sobre o hinduísmo*, José Wicki (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973.

ordenou uma investigação debaixo dos auspícios da Inquisição de Goa³⁷. Depois de analisada a acusação, a Inquisição, em 1621, decidiu a favor de Nobili. Em 31 de Janeiro de 1623, Gregório XV, na sua constituição apostólica *Romanae Sedis Atist*, aprovou o uso pelos cristãos brahmanes do linho sagrado, da pasta de sândalo e das abluções.

Como grande conhecedor do sânscrito, quis formar um colégio ou universidade de brâmanes, com um curso de Filosofia ocidental, mas tal não se concretizou, devido à falta de recursos e ao desconhecimento do sânscrito. Embora a sua ação tenha conduzido a um aumento significativo de conversões, nunca se conseguiu estabelecer um sistema de ensino semelhante ao que havia noutras regiões da Índia, como foi o caso do que acabamos de escrever.

2. Missões na China e no Japão

2.1. A Província do Japão

Em 1543, os primeiros portugueses chegaram à ilha de Tanegashima³⁸. Os portos que os portugueses posteriormente frequentaram foram os de Usuki (1544) e Funai (Oita), em 1545, no

³⁷ Ler: Célia Tavares, *Jesuítas e Inquisidores em Goa*, pp. 171-174. ANTT, Conselho Geral do Santo Ofício, Parecer de João Delgado Figueira, promotor e deputado da inquisição de Goa sobre os sinais gentílicos (1619), Liv. 474 - contém informação sobre os ritos gentílicos e as práticas defendidas por Roberto de Nobili. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro encontra-se documentação sobre Roberto de Nobili (aparece erradamente Hobili) e a Inquisição: *Anais da Biblioteca Nacional*. Vol. 120 – 2000. Rio de Janeiro, 2006: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_120_2000.pdf. Agradecemos a informação dada pela Prof^a Patricia, Universidade Federal de Viçosa.

- 25,1,004 n°160 HOBILI, Roberto: Petição ao reverendo governador do arcebispado de São Tomé, Jerônimo de Sá, solicitando que os direitos concedidos aos cristãos de Maduré pelo breve de Gregório XV sejam estendidos aos cristãos de São Tomé. São Tomé, 08/04/1649. 1f. Cópia. Manuscrito. Acompanha despacho favorável do governador Jerônimo de Sá.

- 25,1,004 n°161: Mesa da Inquisição de Goa. Ofício não permitindo a autorização dada pelo governador de São Tomé, Jerônimo de Sá, ao padre Roberto Hobili, sobre a extensão dos direitos concedidos aos cristãos de Maduré e aos brâmanes para os cristãos de São Tomé. Goa, 07/11/1650. 2 f. Original. Manuscrito. Assinam o documento Paulo Castelino de Freitas, Manuel da Cruz, Francisco de Barcellos, Lucas da Cruz, Manuel de Mendonça e [José Rebelo Vás]. Resposta de Jerônimo de Sá em 25,1,004 n°161A.

³⁸ Benjamim Videira Pires, S. J., *Embaixada Mártir*, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988, p. 16.

reino de Bungo; Kagoshima (1549) e Tanegashima (1580) no reino de Satsuma; e Hirado ou “Firando”, em 1590³⁹.

Em 1571, a “Nau do Trato” ou *Kurofone* (“navio negro”), comandada pelo capitão Tristão Vaz da Veiga, entrava na baía e porto de Nagasaki. A partir daqui, Nagasaki ficou sendo, na prática, o único porto de comércio entre Macau e o Japão, até a sua suspensão definitiva em 1639. Desde 1640 até 1848 – período conhecido por *Sacoku* ou “reino fechado” – Nagasaki foi mesmo o único porto aberto ao comércio holandês e chinês e, conseqüentemente, o único ponto de contato entre o Japão e o resto do mundo⁴⁰.

Atendendo à instabilidade política interna, alguns *daimios* apoiaram e fortaleceram a presença jesuíta, na esperança de defenderem as regiões em caso de ameaça, tal como aconteceu com o *daimio* de Omura e de Arima⁴¹.

A missão jesuíta, de uma forma geral, para subsistir necessitava de grandes rendas, pois não era uma ordem mendicante. Como as despesas no Japão eram muito grandes, os jesuítas viam-se obrigados a participar do comércio da seda, entre Macau e Nagasaki, mas as condições da sua participação estavam fixadas pelo rei de Portugal por alvará régio de 1584, confirmando o acordo feito pelo Visitador, Alessandro Valignano, com os comerciantes de Macau⁴². Foram os missionários que, no início, contribuíram grandemente para o desenvolvimento das relações luso-japonesas, mas foi a insistência desses em querer continuar no Japão mesmo após as proibições que tornou impossível a continuação desse mesmo comércio⁴³. A participação dos Jesuítas nesse comércio foi proibida pelo rei de Portugal em 1610, assim como pelo arcebispo de

³⁹ Benjamim Videira Pires, S. J., *Embaixada Mártir*, p. 17.

⁴⁰ Benjamim Videira Pires, S. J., *op. cit.*, 1988, pp. 17-19.

⁴¹ Benjamim Videira Pires, *op. cit.*, p. 23. Mogui, que naquela época, ficava a uma légua de distância de Nagasaki e era a passagem natural do feudo de Arima para o de Omura, foi doada aos Jesuítas, o mesmo acontecendo com Uracami, hoje um bairro de Nagasaki, doado aos Jesuítas, pelo *daimio* de Arima.

⁴² Armando Martins Janeira, *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1988, p. 128.

⁴³ Armando Martins Janeira, *op. cit.*, p. 129.

Macau. Mas, no ano seguinte, o rei revogou o decreto de proibição do comércio pelos jesuítas; até que, em 1633, o Papa Urbano VIII proibiu definitivamente esse comércio pelos jesuítas⁴⁴.

O colégio de Nagasaki foi fundado em 1598, mas iniciou-se 20 anos antes, pois foi aberto em Funai (Oita), em 1580, pelo padre Alessandro Valignano. Depois, de 1590 a 1597, esteve em Kawachinoura (Amakusa) e passou então, para Nagasaki até 1614 (vítima das perseguições e do édito de expulsão de 1614)⁴⁵. Mas como surgiram esses colégios⁴⁶? Quando São Francisco Xavier partiu do Japão em 1551⁴⁷ deixou um dos seus companheiros, Cosme Torres, a cargo do empreendimento dos jesuítas, substituído por Francisco Cabral em 1570⁴⁸.

O padre Francisco Cabral veio a conhecer bem a família Otomo, que governava o Bungo⁴⁹, pelo que, quando o *daimio* teve conhecimento de que os jesuítas tencionavam abrir um colégio no Japão, insistiu para que ele fosse instalado no seu reino (Bungo)⁵⁰. Disse-lhes mesmo para escolherem uma de entre as casas e templos existentes nos seus vastos domínios, oferecendo-se para compensar os seus proprietários. Em virtude de distúrbios ocorridos em Funai (Oita), Otomo Yoshishige tinha transferido a sua corte para Usuki, a cerca de vinte milhas daquela.

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ Esta designação de “colégios” é controversa. O próprio Luís Fróis, na sua *Historia de Japam*, fala-nos sobre “as casas da Companhia, especialmente o noviciado e o seminário para jovens japoneses (...)”. Cf. Luís Fróis, S.J., *Historia de Japam* (anot. por José Wicki, S.J.), Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, p. 28.

⁴⁷ Sobre S. Francisco Xavier no Japão veja-se: Léon Bourdon, *La Compagnie de Jesus et le Japon*, Lisbonne-Paris, Fondation Calouste Gulbenkian-Centre Culturel Portugais, 1993, pp. 153-246.

⁴⁸ Michael Cooper, S. J., *Rodrigues, O Intérprete. Um Jesuíta Português no Japão e na China do Século XVI*, Lisboa, Quetzal Editores, 2003, p. 45.

⁴⁹ O Japão era governado por um imperador, com funcionários nomeados para administrar as províncias e recolher os impostos, mas a sua autoridade foi sendo minada por poderosos clãs, que tinham grande independência fiscal, pelo que estes senhores feudais governavam os seus “territórios a seu bel-prazer”. Cf. Michael Cooper, S. J., *Rodrigues, O Intérprete. Um Jesuíta Português no Japão e na China do Século XVI*, Lisboa, Quetzal Editores, 2003, p. 14.

⁵⁰ Michael Cooper, S. J., *Rodrigues, O Intérprete. Um Jesuíta Português no Japão e na China do Século XVI*, pp. 45-46.

Foi ali que Francisco Cabral escolheu, junto ao mar, um local adequado para o futuro colégio, fazendo de Usuki a sua base⁵¹.

Seguiu-se, no entanto, um período de grande instabilidade política, violência e perseguição aos jesuítas⁵².

Em 25 de Julho de 1579, Alexandre Valignano chegou a Kyushu para a sua primeira visita à missão do Japão⁵³. E foi durante essa primeira visita (das três que fez ao Japão) que lançou os princípios da sua política de adaptação missionária⁵⁴.

Embora com a oposição do Superior dos jesuítas, Francisco Cabral, Valignano insistiu na necessidade da aprendizagem da língua japonesa, bem como a “adaptação aos costumes e modo de vida japoneses”⁵⁵. E, em 1580, aceitou a resignação do padre Francisco Cabral, substituindo-o por Gaspar Coelho, “mais flexível, embora apagado”⁵⁶.

Em 1580, Valignano dirigiu-se para o Bungo, tendo visitado Otomo Yoshihige em Usuki. Convocou uma reunião com todos os missionários jesuítas locais e foi decidido o estabelecimento de um noviciado em Usuki e de um colégio para os estudantes jesuítas em Funai (Oita). O noviciado seria mantido, financeiramente, pelas rendas de propriedades que os jesuítas tinham em Baçaim, embora essas fossem insuficientes para tal. O noviciado situava-se num edifício próximo do mar e do castelo do *daimio* Otomo, onde permaneceu até Dezembro de 1586, altura em que o edifício foi destruído pelas forças de Satsuma⁵⁷. Mas, durante os primeiros anos da sua existência, esse noviciado encontrava-se pobremente equipado, possuindo poucos livros para auxiliar na formação dos noviços, pelo que muita da instrução era dada na forma de lições e exortações, tendo o próprio Valignano dado lições, nos primeiros dois meses, duas vezes ao dia, aos noviços portugueses.

⁵¹ Michael Cooper, S. J., *op. cit.*, p. 46.

⁵² V. João Paulo A. Oliveira e Costa, *A Descoberta da Civilização Portuguesa pelos Portugueses*. Lisboa, Instituto de História de Além-Mar, 1995.

⁵³ Cooper, *op. cit.*, p. 53.

⁵⁴ Cooper, *op. cit.*, p. 54.

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ Cooper, *op. cit.*, p. 55.

⁵⁷ Cooper, *op. cit.*, p. 55.

Por seu lado, Luís Fróis, que sabia muito bem a língua japonesa, traduzia essas exortações e transmitia as lições aos noviços japoneses⁵⁸. Pedro Ramon, um jesuíta de Saragoça, foi o Superior da casa durante os cinco anos que ela existiu, organizou a tradução de parte do livro de Luís de Granada *Introduccion del symbolo de la Fé*, impresso em japonês em Amakusa, em 1592, na imprensa dos jesuítas, com o título *Fides no Doxi*. E terá sido, durante essa viagem ao Bungo, que Valignano escreveu o livro *Advertimentos e avisos acerca dos costumes e catangues do Japão*. Também foi durante essa viagem que Valignano lançou a primeira pedra da Igreja levantada por Otomo Yoshishige ao lado do noviciado⁵⁹.

Para além da abertura do noviciado em Usuki, em 1580, Valignano também abriu, em 1581, o Colégio de S. Paulo em Funai (Oita). Foi construído num lugar pouco agradável e as rendas reais prometidas, idas de Malaca – mil ducados/ano – inicialmente não foram pagas⁶⁰. Aos estudantes era ensinado o Latim e Paulo Yoko dava aulas diárias de japonês, assim como eram ministrados cursos de apologética cristã, especialmente orientados para refutar as objeções budistas. E assim que os estudantes portugueses se tornavam razoavelmente fluentes em japonês, iniciavam o seu trabalho apostólico, pregando durante as missas, quer em Funai, quer nos seus arredores. Era dada especial importância ao estudo do japonês e mesmo os seminaristas japoneses recebiam instrução dessa língua e da sua escrita. Para auxiliar os estudantes foi compilada, em Funai, nos finais de 1581, provavelmente em cópias manuscritas, uma gramática japonesa ou *Arte*, bem como um dicionário de japonês e um catecismo⁶¹. A 21 de Outubro de 1583 foi iniciado o primeiro curso de Filosofia escolástica,

⁵⁸ Cooper, *op. cit.*, p. 57.

⁵⁹ Cooper, *op. cit.*, p. 58.

⁶⁰ Cooper, *op. cit.*, p. 59.

⁶¹ João Rodrigues viria a publicar a sua *Arte da Língua do Japan*, baseada na estrutura de uma gramática latina, parecendo ter sido influenciado por esse primeiro trabalho, a gramática japonesa ou “Arte”, que deve ter lido quando estudava no colégio de Funai. Cf. Michael Cooper, S. J., *Rodrigues, O Intérprete. Um Jesuíta Português no Japão e na China do Século XVI*, Lisboa, Quetzal Editores, 2003, p. 60.

em Funai, sob a direção de Prenestino, numa versão abreviada, isto é, o curso abreviado de Francisco Toledo em lógica aristotélica⁶². Os alunos também recebiam lições de Cosmologia e Ciências naturais.⁶³

O primeiro curso de Filosofia Ocidental ensinado no Japão foi concluído em 1585. Embora os alunos tivessem completado os estudos de Filosofia, não terminaram o curso de Teologia, pois a situação política forçou uma paragem nos estudos. A invasão do Bungo pelas tropas de Satsuma levou à transferência do colégio e noviciado para Yamagushi. Os estudantes continuaram aqui até 1587, altura em que o *shogun* Hideyoshi publicou o édito de expulsão (dos jesuítas)⁶⁴. E, nos finais de 1588, o colégio de Funai terá sido transferido para Nagasaki, para Chijiwa e, depois, para Arie⁶⁵.

Os seminários de Miyako (Kyoto) e de Arima foram fundados por Valignano em 1580 e 1581, respectivamente. Estas escolas tinham sido fundadas para o ensino de “uma educação cristã para os filhos de boas famílias que para ali os quisessem enviar”, recebendo aqui “uma sólida educação cristã”, com o objetivo de virem a ensinar o Cristianismo, quer sendo leigos ou não (estes estabelecimentos são, normalmente, referidos como Seminários)⁶⁶. Também foram incluídos: *curriculum* de latim, japonês e literatura chinesa, artes e humanidades, música, ciências, bem como etiqueta e cerimonial japoneses⁶⁷. Como havia falta de livros, a imprensa jesuítica de Macau começou a produzir livros, especialmente os dois volumes: *Christiani Pueri Institutio* (1588) e *De Missione Legatorum Iaponensi* (1590)⁶⁸.

A formação do clero nativo e, em especial, a dos jesuítas japoneses, era o objetivo principal do padre Alessandro Valignano para a Igreja japonesa. Os seminários de Arima e de Azuchi (Miyako), o

⁶² Cooper, *op. cit.*, p. 60.

⁶³ Cooper, *op. cit.*, p. 61.

⁶⁴ Cooper, *op. cit.*, p. 62.

⁶⁵ Cooper, *op. cit.*, p. 63.

⁶⁶ Cooper, *op. cit.*, p. 64.

⁶⁷ Cooper, *op. cit.*, p. 65.

⁶⁸ *Ibidem*.

Colégio de Funai (Oita), o Noviciado, a Imprensa: todos tiveram origem nesse mesmo projeto⁶⁹.

Em 1614, o *shogun* Tokugawa Ieyasu decidiu expulsar todos os missionários do Japão, encerrar todas as igrejas e proibir a prática do cristianismo pelos japoneses (édito de 1614), embora continuasse a permitir o comércio com os portugueses – que era muito desejado pelos japoneses também –, o que originou que muitos padre se disfarçassem de comerciantes para ficar no Japão⁷⁰. Em 1616, Hidetada, que sucedeu a seu pai, o *shogun* Ieyasu, publicou outro édito reforçando as medidas que tinham sido promulgadas por seu pai para banir o cristianismo, mandando concentrar todos os estrangeiros nos portos de Nagasaki e Hirado (donde não podiam sair e onde podiam ser mais facilmente observados)⁷¹.

O sucessor de Hitedata, o seu filho Tokugawa Iemitsu, foi ainda mais cruel para os cristãos, tendo confinado os portugueses à ilha artificial de Deshima (que mandara construir junto a Nagasaki), em 1635⁷², que culminaria com a revolta de Shimabara⁷³ e, em 1638, com a ordem de expulsão dos missionários do Japão⁷⁴.

Em 1639, o *Bakufu* (governo militar) pôs em execução as medidas que a sua política isolacionista já vinha anunciando há tempos, com a ajuda dos holandeses, mas a principal razão teria sido o receio que o *shogun* Tokugawa Iemitsu tinha dos “efeitos subversivos

⁶⁹ Diego Yuuki, S.J., “O Colégio de S. Paulo de Macau e a Igreja do Japão”, in *Revista de Cultura*, n 30, II série, 1997, p. 127.

⁷⁰ Armando Martins Janeira, *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1988, pp. 58-59.

⁷¹ Armando Martins Janeira, *op. cit.*, p. 59.

⁷² Idem, *Ibidem*, pp. 60-61.

⁷³ A revolta de Shimabara, em 1637-1638, terá tido origem na “opressão dos camponeses da região por impostos ou exações tão pesadas que os levaram a uma situação desesperada”, a que se juntaram os cristãos, também eles perseguidos e oprimidos, espalhados por toda a região de Kiushu; e, com a ajuda dos holandeses, os japoneses conseguiram desalojar os revoltosos do Castelo de Hara e “passaram à espada 37.000 sobreviventes”. Cf. Armando Martins Janeira, *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1988, p. 61.

⁷⁴ Armando Martins Janeira, *op. cit.*, p. 62.

do cristianismo⁷⁵; e, em Agosto de 1639, um comissário do *shogun* Iemitsu partiu de Yedo (Tóquio) com o decreto que “anunciava o fim do comércio português com o Japão⁷⁶”.

2.2. Macau e a Província da China

Pela bula *Super Specula Militantis Ecclesiae* do Papa Gregório XIII, datada de 23 de Janeiro de 1576, foi criada a Diocese de Macau, com jurisdição sobre a China, Japão Coreia e “ilhas adjacentes”, subordinada ao Bispo de Goa (era sufragânea de Goa)⁷⁷. Macau tornava-se, assim, o centro da religião católica no Extremo-Oriente⁷⁸.

A Companhia de Jesus desempenhou papel preponderante na fundação, crescimento e conservação de Macau⁷⁹. Os Jesuítas só se estabeleceram definitivamente em Macau em 1563, com a vinda do padre Francisco Peres, do padre Manuel Teixeira e do Irmão André Pinto, que aqui chegaram na companhia de Diogo Pereira⁸⁰. Logo em 1565 o padre Francisco Peres dirigiu-se a Cantão “a pedir licença para entrar na China”, tendo-lhe sido recusada⁸¹. Regressado a Macau, fundou, junto à ermida de Santo António, a residência da Companhia

⁷⁵ Charles R. Boxer, *O Grande Navio de Amacau*, Macau, Fundação Oriente/Museu Marítimo de Macau, 1989, pp. 138-139.

⁷⁶ Charles Boxer, *op. cit.*, p. 140.

⁷⁷ Beatriz Basto da Silva, *Cronologia da História de Macau (séculos XVI-XVII)*, vol. I, Macau, Direcção dos Serviços de Educação, 1992, p. 53. Esta jurisdição, no entanto, foi reduzida pela ereção da diocese de Funai (no Japão), em 1588, assim como das dioceses de Pequim e Nankim (na China), em 1690. No entanto, no século XIX, a jurisdição de Macau estendeu-se a Timor, em 1874, assim como à Singapura e Malaca (paróquia de S. José de Singapura e de S. Pedro de Malaca), em 1886-1887. Cf. Manuel Teixeira, *Macau e a sua Diocese, vol. XIII: Bispos, Missionários, Igrejas e Escolas*, Macau, Tipografia da Missão, 1976, pp. 108-110.

⁷⁸ V. Eusébio Arnaiz Alvarez, *Macau, mãe das Missões no Extremo Oriente*, Macau, Tipografia Salesiana, 1957.

⁷⁹ Benjamim Videira Pires, S.J., *A Embaixada Mártir*, p.14.

⁸⁰ Huang Qichen, “The First University in Macau: the Colégio de S. Paulo”, in *Religion and Culture: an International Symposium Commemorating the Fourth Centenary of the University of St. Paul* (ed. John W. Witek), Macau, Macau Ricci Institute, 1999, p. 253.

⁸¹ F. Cronin, S. J., “Fr. Ricci and his Work in China”, in *Instituto Português de Hong Kong*, n.º. 1, Julho 1948, p. 96.

de Jesus, que servia também de hospício e ajuda aos missionários que iam para o Japão⁸².

Em 1572, à residência dos Jesuítas, fundada pelo padre Peres, acrescentou-se uma escola de “Ler e Escrever”. Depois acrescentaram-lhe os estudos clássicos de Latim⁸³. Em 1579 os Jesuítas construíram outra residência e, em 1582, erigiram uma nova igreja na colina, no local onde existem as atuais ruínas da igreja de S. Paulo⁸⁴.

Em 1592, na 1ª Congregação Vice-Provincial, foi ponderada a necessidade da fundação de um colégio para jesuítas japoneses fora do Japão, devido às guerras civis ali existentes⁸⁵. Além das perturbações das guerras civis no Japão, os jovens japoneses “só lucrariam em tomar contacto com o ambiente ocidental, integralmente cristão, que era o meio português de Macau”, onde aprenderiam a língua, costumes e modo de ser dos europeus⁸⁶.

Valignano comunicou o seu projeto ao Superior da Missão da China (a cuja jurisdição pertencia o território), padre Duarte de Sande, que aceitou totalmente a ideia⁸⁷. Obtida autorização de Roma, iniciaram-se as obras para o novo **Colégio de S. Paulo**, perto da residência dos jesuítas⁸⁸. Em 1594, o Colégio tinha quatro classes: uma de “Ler e Escrever”, com mais de 250 meninos; outra de Gramática; ainda outra, mas de Humanidades; e, a partir de 1595, o primeiro curso de Artes (com jesuítas do Japão e Goa); além disso, havia classe de Casos (Teologia Moral)⁸⁹.

⁸² Fernando António Baptista Pereira, “A Conjectural Reconstruction of the Church of the College of Mater Dei”, in *Religion and Culture*, Macau, Macau Ricci Institute, 1999, pp. 205-243.

⁸³ Domingos Maurício Gomes dos Santos, *Macau, Primeira Universidade Ocidental do Extremo Oriente*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1994, p. 8.

⁸⁴ Manuel Teixeira, *Japoneses em Macau*, Macau, Instituto Cultural de Macau/Comissão Territorial para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1993, p.7.

⁸⁵ Domingos Maurício Gomes dos Santos, *Macau, Primeira Universidade Ocidental do Extremo Oriente*. Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1994, p. 9.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ *Ibidem*.

⁸⁸ Domingos Maurício Gomes dos Santos, *op. cit.*, pp. 10-11.

⁸⁹ Domingos Maurício Gomes dos Santos, *Macau, Primeira Universidade Ocidental do Extremo Oriente*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1994, p. 16.

Alessandro Valignano partira para Goa em Novembro de 1594, mas em Abril de 1597 voltava a Macau, onde desembarcou a 20 de Julho desse ano e onde permaneceu até Julho de 1598⁹⁰. Aqui vai reorganizar os Estudos Menores e Superiores do Colégio, no qual a vida institucional e pedagógica era baseada na *Ratio Studiorum*, que fora publicada em Roma por Cladio Acquaviva, em 1591⁹¹, mas também no sistema e regulamentos da Universidade de Coimbra - do Regimento do Colégio das Artes de Coimbra, de 1559 e de 1565⁹² -, que eram adaptados às necessidades da China, sendo as disciplinas aí ensinadas a Língua Chinesa, Latim, Filosofia, Teologia, Matemática, Astrologia, Física, Medicina, Música, Retórica, entre outras⁹³. Havia também o seminário de S. Inácio (para japoneses, de 1603-1701), o seminário de S. Francisco Xavier (para Portugueses), o seminário de S. José (para chineses, c. 1732)⁹⁴, assim como uma enfermaria com a sua “botica” (farmácia), uma Livraria Geral (com mais de 5000 volumes) e o Arquivo da Província Jesuítica do Japão⁹⁵.

O ano letivo começava a 15 de Setembro com a profissão de fé, feita na igreja, depois da missa dos estudantes e era feita pelo prefeito de estudos, mestres e substitutos, segundo “a fórmula do Papa Pio IV”⁹⁶. Nas aulas de Latim, às 7 horas da manhã, a lição inaugural constava de um discurso de 15 minutos (em Latim), tal como na abertura das aulas da tarde. As aulas começavam e terminavam com uma curta oração, feita ante uma imagem, de joelhos, existente nos recintos escolares⁹⁷. A saudação entre mestres e alunos obedecia à etiqueta daqueles tempos⁹⁸.

⁹⁰ Domingos Maurício Gomes dos Santos, *op. cit.*, p. 17.

⁹¹ *Ibidem*.

⁹² *Ibidem*.

⁹³ Huang Qichen, “O Colégio de São Paulo: a Primeira Universidade em Macau”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº 30, pp. 109-122.

⁹⁴ Domingos Maurício Gomes dos Santos, *op. cit.*, p. 31.

⁹⁵ Benjamim Videira Pires, S.J., *A Embaixada Mártir*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1988, p.14.

⁹⁶ Domingos Maurício Gomes dos Santos, *Macau, Primeira Universidade Ocidental do Extremo Oriente*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1994, p. 18.

⁹⁷ *Ibidem*.

⁹⁸ *Ibidem*.

A vida espiritual dos alunos merecia especial cuidado por parte dos mestres⁹⁹. Aos estudantes era proibido o porte de armas no pátio das escolas e em qualquer aula¹⁰⁰. Também as férias e os dias de assueto¹⁰¹ estavam fixados, assim como os horários escolares para as várias classes¹⁰².

Os atos acadêmicos do curso de Artes, em Macau, revestiam-se de solenidade idêntica aos de Coimbra, tal como acontecia no Colégio de S. Paulo de Goa e no Brasil¹⁰³.

O Colégio de S. Paulo de Macau não era uma universidade eclesiástica completa, nem sequer uma universidade civil (Estudos Gerais), mas era um verdadeiro centro acadêmico superior, conferindo graus desde 1597, com a organização formal dos estudos superiores de Artes e Teologia¹⁰⁴.

A fundação do Colégio de São Paulo não foi só resultado do desenvolvimento econômico, mas também – e principalmente – fruto das necessidades da Companhia de Jesus, cujo objetivo era a preparação de jesuítas para as missões da China, Japão e outras partes do Oriente, pelo que as estruturas do Colégio de S. Paulo, as suas disciplinas, a origem dos estudantes e o objetivo da sua formação estavam ligados à divulgação do cristianismo¹⁰⁵.

Deste Colégio de S. Paulo de Macau e do Colégio de S. Paulo de Goa saíram os missionários jesuítas que iam para as missões do Japão, Tonquim, Tidore, China, Ternate, Sião, Amboino, Malaca, Pegu, Cambodja, Solor, Conchinchina, Macassar, Bengala, Bisnaga, Madure, Costa da Pescaria, Ceilão, Travancor, Malabar, Goa, Salsete

⁹⁹ Domingos Maurício Gomes dos Santos, *op. cit.*, p. 19.

¹⁰⁰ *Ibidem*.

¹⁰¹ O feriado semanal, isto é, o dia de folga.

¹⁰² *Ibidem*.

¹⁰³ Domingos Maurício Gomes dos Santos, *op. cit.*, p. 25. Veja-se, também, Francisco Rodrigues - *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões*, Porto, Tipografia Fonseca, p. 58.

¹⁰⁴ *Ibidem*, pp. 28-29.

¹⁰⁵ Huang Qichen, “O Colégio de São Paulo: a Primeira Universidade em Macau”, in *Revista de Cultura*, II Série, n.º. 30, p. 111.

do Norte (Bombaim), Lahor, Diu, Etiópia, Monomotapa (costa Oriental Africana), etc.¹⁰⁶.

Os padres Michele Ruggiere, S. J., (1543-1607) e Matteo Ricci, S. J., (1552-1610) foram os primeiros missionários jesuítas a introduzirem as novas leis de adaptação à cultura, aos usos e costumes, bem como à língua chinesa¹⁰⁷.

A 13 de Setembro chegavam a Goa, onde Ricci passou três anos ensinando Grego e Gramática no Colégio dos Jesuítas, o Colégio de S. Paulo, e, ao mesmo tempo, continuava os seus estudos teológicos religiosos, até ser ordenado sacerdote, em Cochim, no dia 25 de Julho de 1580¹⁰⁸.

A maior parte dos missionários que iam para o Oriente – incluindo Japão e China –, teve um período de treino e adaptação em Goa, a cujo bispado (ereto em 1534) pertenciam. O próprio Ricci completou a sua educação em Coimbra e Goa antes de ir para Macau¹⁰⁹.

E, no dia 26 de Abril de 1582, o padre Matteo Ricci foi enviado para Macau para estudar a língua e cultura chinesas¹¹⁰.

A meta era a conquista espiritual do grande Império do Meio, o qual nem sequer permitia a entrada dos missionários no seu território, e, se possível, chegar à Corte, em Pequim. Esse foi o objetivo assinalado pelo Visitador, o padre Alessandro Valignano, S. J., aos dois missionários, Ricci e Ruggiere¹¹¹.

¹⁰⁶ Aloysius B. Chang, S. J., “The True Significance of the College of St. Paul”, in *Religion and Culture*, Macau, Macau Ricci Institute, 1999, pp. 367-382. Sobre o Colégio de S. Paulo veja-se: BA, Cod. 49-V-5 - “Cartas Anuas do Colégio de Macau (1603-1621)”; BA, Cod. 49-V-7: “Cartas Anuas do Colégio de Macau (1616, 1620-22)”; BA, Cod. 49-V-22: “Cartas Anuas do Colégio de Macau e Missão de Cantão (1692)”.

¹⁰⁷ Benjamim Videira Pires, S. J. - “Jesuítas Beneméritos da Macau”, in *Religião e Pátria*, vol. XLII (26, 27, 29, 32), 1 Julho, 8 Julho, 29 Julho e 12 Agosto, 1956, pp. 606-608, 626-632, 678-680 e 771-773.

¹⁰⁸ BA, Cod. 49-V-5 – *Série Província da China* (1600-1623): “Vida e morte do Padre Mateus Ricci”.

¹⁰⁹ Armando Martins Janeira, *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1988, p. 160.

¹¹⁰ Edward J. Malatesta, “Alessandro Valignano, Fan Li-An (1539-1606): estratégia da Missão Jesuíta na China”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº. 21, Macau, Out.-Dez. 1994, p. 52.

¹¹¹ *Ibidem*. Veja-se, também, BA, Cod. 49-V-5 – *Série Província da China* (1600-1623): “Vida e morte do Padre Alexandre Valignano” e “Vida e morte do Padre Mateus Ricci”.

Este precedera aquele não só em Macau, como na tentativa de entrada na China, mas sem resultados imediatos¹¹². Em 1581 Ruggieri acompanhou alguns comerciantes portugueses à feira de Cantão¹¹³. Quando o *Haidao* (Haitão, funcionário costeiro) de Cantão percebeu que aquele era um homem de letras, que estava a estudar a língua e literatura chinesas, e a quem os portugueses obedeciam, tratou-o muito bem e amistosamente. Ruggieri também estabeleceu relações amistosas com o comandante regional (*Zongping*), a quem ofereceu um relógio, tendo-o visitado várias vezes¹¹⁴.

No Outono de 1582 as autoridades chinesas de Cantão convidaram Michele Ruggieri a estabelecer-se na China, em Shiu Hing (Zhaoqing), para onde foi com o padre Francesco Pasio, a 27 de Dezembro de 1582¹¹⁵.

Ruggieri celebrou a primeira missa em Zhaoqing (Shiu-hing) no dia 10 de Janeiro de 1583¹¹⁶. Ruggieri regressou a Macau em Março de 1583 e, passado pouco tempo, recebeu do Governador Geral de Cantão em Guangxi (o Vice-Rei dos Dois Guangs, Kuang-Tung e Kuang-Si) autorização para habitar na China. Em Setembro desse ano, Ruggieri e Ricci foram para Zhaoqing, onde foram ajudados por Wang Pan (prefeito ou presidente da Câmara) a arranjar um terreno¹¹⁷. Assim, conseguiu permissão para construir uma igreja e a sua residência, junto

¹¹² *Ibidem*.

¹¹³ Michael Cooper, S. J., *Rodrigues, O Intérprete. Um Jesuíta Português no Japão e na China do Século XVI*, Lisboa, Quetzal Editores, 2003, p. 98.

¹¹⁴ Edward J. Malatesta, “Alessandro Valignano, Fan Li-An (1539-1606): estratégia da Missão Jesuíta na China”, in *Revista de Cultura*, n. 21 (II Série), Macau, Out.-Dez. 1994, p. 16. Veja-se, também, Gonçalo Mesquitela, *História de Macau*, Vol. I, Tomo II, Macau, ICM, 1996, pp. 142-143; e, ainda, Benjamim Videira Pires, “Matteo Ricci e João Rodrigues, Dois Elos de Interpenetração Cultural na China e no Japão”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº 18, Jan.-Mar. 1994, p. 5.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 16. Veja-se, também, Artur Levy Gomes, *Esboço da História de Macau*, Macau, Repartição Provincial dos Serviços de Economia e Estatística Geral, 1957, p. 71.

¹¹⁶ Benjamim Videira Pires, “Matteo Ricci e João Rodrigues, Dois Elos de Interpenetração Cultural na China e no Japão”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº. 18, Jan.-Mar. 1994, p. 5. Cf. Manuel Teixeira, “O 350 Aniversário da Fundação da Missão de Shiu-Hing”, in *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Ano XXXI, nº 355, Outubro de 1933, pp. 260-276.

¹¹⁷ John W. Witek, S. J., “Introdução”, in *Dicionário de Português-Chinês*, de Michele Ruggieri & Matteo Ricci (dir. de John W. Witek, S. J.), Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001, p. 17.

da torre de Chongning, a leste de Zhaoqing. Em Setembro de 1583 ambos se estabeleceram em Zhaoqing (Shiuhing), a oeste de Cantão, onde construíram uma casa e uma igreja-missão, após obter a respectiva permissão do Vice-Rei¹¹⁸.

E foi assim que se fundou a primeira missão católica na China e se erigiu em território chinês a primeira igreja cristã, em 1584¹¹⁹.

Ainda devido ao grande incremento que haviam tomado as missões dos Jesuítas na China, em Macau foram criadas duas províncias: a do Japão e a vice-província da China, tendo esta como vice-provincial o padre Matteo Ricci¹²⁰.

Em 1584 o padre Michele Ruggieri publicou *Tianzhu shilu* (*Verdadeiro Tratado do Senhor do Céu*)¹²¹. Esse foi o primeiro livro impresso por europeus em caracteres e idioma chinês¹²². Trata-se do diálogo entre um europeu e um chinês sobre o verdadeiro Deus e a verdadeira religião. Ali, também, Ricci preparou o mapa universal que tanta importância vem a ter no futuro¹²³, pois Ricci colocou a China no centro do mapa, para agradar aos chineses¹²⁴. Mas esse foi o primeiro mapa-mundo da China, traçado segundo os métodos cartográficos de

¹¹⁸ Benjamim Videira Pires, “Matteo Ricci e João Rodrigues, Dois Elos de Interpenetração Cultural na China e no Japão”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº. 18, Jan.-Mar. 1994, p. 6. Veja-se, também, Isabel Pina, *Os Jesuítas em Nanquim (1599-1633)*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2008, p. 28.

¹¹⁹ *Ibidem*. Cf. Edward J. Malatesta, “Alessandro Valignano, Fan Li-An (1539-1606): estratégia da Missão Jesuíta na China”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº. 21, Out.-Dez., 1994, p. 52.

¹²⁰ Artur Levy Gomes, *Esboço da História de Macau (1511-1849)*, Macau, Repartição Provincial dos Serviços de Economia e Estatística Geral, 1957, p. 90. Em 1611 foi elevada à categoria de **Província** (da China), sendo o seu primeiro provincial o Padre Valentim Carvalho. Cf. *Cartas Anuais do Colégio de Macau (1594-1627)*, (dir. João Paulo Oliveira e Costa), CTMCDP/Fundação Macau, 1999, p. 32.

¹²¹ Isabel Pina, *Os Jesuítas em Nanquim (1599-1633)*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2008, p. 25.

¹²² John W. Witek, S. J., “Introdução”, in *Dicionário de Português-Chinês*, de Michele Ruggieri & Matteo Ricci (dir. de John W. Witek, S. J.), Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001, p. 17.

¹²³ Gonçalo Mesquitela, *História de Macau*, Vol. I, Tomo II, Macau, ICM, 1996, pp. 146-157.

¹²⁴ V. Theodore N. Foss, “Uma Interpretação Ocidental da China: Cartografia Jesuíta”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº. 21, Out.-Dez. 1994, pp. 129-150.

latitude e longitude, com os conhecimentos científicos sobre os cinco continentes e as cinco zonas¹²⁵.

Em 1586, a convite do novo governador, Guo Yingping, Michele Ruggieri deslocou-se para Shaozing, em Zhejiang, para ali iniciar a sua atividade missionária¹²⁶.

Valignano estava atento aos avanços e recuos da Missão na China. Assim, tomou consciência de que os padres, na China, precisavam obter maior estima dos funcionários e dos letrados, não podendo aí permanecerem sem a permissão do Imperador. Decidiu, pois, durante a sua terceira visita a Macau (1590), solicitar uma embaixada papal ao Imperador, pelo que escreveu uma longa carta ao Geral da Companhia, em Novembro de 1588, enviando Ruggieri a Roma para apresentar pessoalmente o seu pedido ao Papa¹²⁷.

Ruggieri teve oportunidade de falar diretamente com o Papa, pedindo-lhe ajuda e proteção. Pediu ajuda física e prática para bens espirituais e terrestres, ou seja, que o Papa enviasse uma embaixada ao Imperador da China, Wan-li (1573-1620), pela qual se garantisse plena proteção imperial para com a missão cristã, para que os missionários pudessem evangelizar livremente, sem medo de represálias religiosas. Essa embaixada papal não chegou a realizar-se devido a problemas internos no Vaticano (falecimento de quatro papas sucessivamente)¹²⁸.

Ruggieri, que já ia com problemas de saúde, viu esses problemas agravarem-se em Itália, onde acabou por falecer em 1607, em Salerno¹²⁹.

Ricci, ao contrário de Ruggieri, passou o resto da sua vida na China: viajou por muitas cidades, fundou muitas igrejas e escolas-

¹²⁵ E.R. Hugues, *The Invasion of China by Western World*, New York, The Mac Millan Company, 1938, pp. XV-XVI.

¹²⁶ Huang Qichen, “Macau, Ponte de Intercâmbio Cultural entre a China e o Ocidente, do Século XVI ao Século XVIII”, in *Revista de Cultura*, II Série, n.º. 21, Out.-Dez., 1994, pp. 115-154.

¹²⁷ E.R. Hugues, *The Invasion of China by Western World*, New York, The Mac Millan Company, 1938, pp. XV-XVI.

¹²⁸ Paul Fu - Mien yang, S. J., “Introdução Histórica e Linguística”, in *Dicionário Português-Chinês de Michele Ruggieri & Matteo Ricci* (dir. de John W. Witek, S. J.), Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001, pp. 29-77.

¹²⁹ *Ibidem*.

missões, e também converteu muitos chineses à fé católica, incluindo letrados e altos dignitários¹³⁰.

Desde meados do século XVI, os Jesuítas que iam para a Ásia começaram a recolher dados sobre a realidade cultural chinesa, tendo-se apercebido da importância que os letrados tinham na China, já que toda a administração imperial lhes estava praticamente entregue¹³¹. Assim, entendendo a importância dada ao mandarinato na sociedade chinesa, Ricci informou Valignano da necessidade de abandonar a aparência e as maneiras dos bonzos e adotar o estilo dos letrados (deveriam deixar crescer o cabelo e a barba, vestirem roupas adequadas – de seda – para visitarem e receberem letrados e funcionários)¹³². Em 1594, Ricci começou a deixar crescer a barba e, em Maio de 1595, apareceu pela primeira vez com o vestuário dos letrados¹³³.

Um conhecimento mais aprofundado da realidade chinesa, obtido ao longo de mais de uma década de vivências no interior da China, determinou mudanças significativas na estratégia missionária; depois de uma inicial procura de analogias com o Budismo, passaram a identificar-se com os letrados chineses, que era a classe que possuía um estatuto mais elevado na sociedade imperial chinesa e, a partir de 1595, os missionários jesuítas passaram a apresentar-se como *xishi* ou letrados, oriundos do Ocidente, passando a ser “mestres da religião do Senhor do Céu”¹³⁴.

De 1595 a 1598 Mateus Ricci estabeleceu-se em Nanchang (capital da província de Jiangxi), alargando assim o espaço de missão e as possibilidades de expansão do Cristianismo na China¹³⁵.

¹³⁰ Paul Fu - Mien yang, S. J., “Introdução Histórica e Linguística”, in *Dicionário Português-Chinês de Michele Ruggieri & Matteo Ricci* (dir. John W. Witek), Lisboa, Biblioteca Nacional, p. 31.

¹³¹ Rui Manuel Loureiro, *Nas partes da China*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2009, p. 250.

¹³² Edward J. Malatesta, “Alessandro Valignano, Fan Li-An (1539-1606): estratégia da Missão Jesuíta na China”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº. 21, Macau, Out.-Dez. 1994, pp. 51-66.

¹³³ Isabel Pina, *Os Jesuítas em Nanquim (1599-1633)*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2008, pp. 28-29.

¹³⁴ Rui Manuel Loureiro, *op. cit.*, p. 250.

¹³⁵ Paul Fu - Mien yang, S. J., “Dicionário Português-Chinês de Michele Ruggieri e Matteo Ric-

Para a nova residência foram também enviados o padre João Soeiro e o Irmão Francisco Martins, o que permitiu que Matteo Ricci ficasse mais livre para intensificar as suas relações e o intercâmbio cultural com os letrados, permitindo-lhe redigir a sua primeira obra em chinês, o *Tratado sobre a Amizade*, seguindo-se-lhe o *Tratado das Artes Mnemónicas* e um novo *Catecismo* (para substituir o de Michele Ruggieri, onde os missionários ainda eram identificados como bonzos)¹³⁶.

Como se vê, desde cedo que Ricci, ciente do contexto cultural em que se achava inserido, começou a escrever obras em língua chinesa e não só sobre temas religiosos. O “método aculturativo” começava, pois, a dar os seus frutos e a reputação de Matteo Ricci como homem de letras ia crescendo junto aos chineses, assim como os seus escritos iam circulando amplamente, no Império Celeste¹³⁷.

Em 1599 Matteo Ricci transferiu-se para Siu-Chau (Shaozhou ou Shaochow). E, em 1600, Ricci, acompanhado do padre Diego Pantoja, partia rumo à capital chinesa¹³⁸, num barco do eunuco de apelido Lieu, e, graças a este, em 24 de Janeiro de 1601, conseguiram fazer chegar às mãos do Imperador Wan Li “preciosas peças europeias”, tais como uma “imagem do Senhor”, duas da “Virgem Maria”, uma de Deus e uma cruz embutida de pérolas; ofereceram-lhe, ainda, dois relógios (que batiam as horas), um atlas dos países e dois instrumentos musicais ocidentais. Os presentes que levaram para o Imperador foram bem aceites e, através dos eunucos e mandarins da Corte, concedeu-lhes licença para permanecerem na cidade, fundando-se assim a quarta residência da Companhia de Jesus na China¹³⁹.

Desde 1601 Matteo Ricci não voltou a deixar Pequim, desenvolvendo uma estratégia diversificada, visando consolidar a posição e o prestígio dos religiosos europeus junto à Corte imperial

ci: Introdução Histórica e Linguística”, in *Dicionário Português-Chinês de Michele Ruggieri & Matteo Ricci* (dir.), p. 31.

¹³⁶ Horácio Peixoto de Araújo, *op. cit.*, pp. 116-117.

¹³⁷ Rui Manuel Loureiro, *op. cit.*, p. 254.

¹³⁸ BA, Cod. 49-V-1: *Ásia Extrema*, I, p. 235.

¹³⁹ Horácio Peixoto de Araújo, *Os Jesuítas no Império da China: o Primeiro século (1582-1680)*, Macau, IPOR, 2000, pp. 118-120.

chinesa para garantir uma certa liberdade de manobra às missões jesuítas que se iam espalhando, a pouco e pouco, pelo Império chinês¹⁴⁰.

Entre 1601 e 1610, Matteo Ricci e alguns outros jesuítas, tais como Diego Pantoja, Gaspar Ferreira e Sabatino de Ursis, pelos seus conhecimentos matemáticos, de astronomia, geografia, música, etc., bem como da língua chinesa e dos clássicos da cultura chinesa, conquistaram a benevolência e consideração do Imperador Wan Li e de muitos mandarins da Corte¹⁴¹. Tal como em Pequim, nas outras residências jesuítas já estabelecidas (Xaoquin, Nanchang e Nanquim), os missionários jesuítas procuravam obter a simpatia e benevolência dos mandarins locais¹⁴².

Foi o padre Matteo Ricci o primeiro a ser homenageado com o grau de mandarim e com a presidência do Tribunal das Matemáticas, gozando até a sua morte da intimidade do Imperador¹⁴³. Ricci conseguiu fazer se aceitar pelos letrados quase como sendo um deles, tendo conseguido converter alguns acadêmicos e mandarins ao Cristianismo, deixando mesmo de ser considerado como um estrangeiro¹⁴⁴.

Ricci, ele próprio matemático e astrônomo, ciências que eram muito apreciadas na Corte chinesa, pedira ao Geral dos Jesuítas, em Roma, que enviasse jesuítas com conhecimentos nessas áreas¹⁴⁵, entre os quais se pode destacar Schall, Verbiest, Valignano, João Rodrigues e Luís Fróis, entre outros¹⁴⁶.

¹⁴⁰ Liam Matthew Brockey, *Journey to the East: the Jesuit mission to China, 1579-1724*, Cambridge, Belknap Press of Harvard University Press, 2007, pp. 25-56.

¹⁴¹ Horácio Peixoto de Araújo, *op. cit.*, p. 121.

¹⁴² *Ibidem*. Cf. BA, Cod. 49-V-1: *Ásia Extrema*, I, p. 447.

¹⁴³ *Ibidem*.

¹⁴⁴ Ian Rae, “A Abordagem Comunicativa Intercultural dos Primeiros Missionários Jesuítas na China”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº 21, Out.-Dez., 1994, p. 123.

¹⁴⁵ Ian Rae, “A Abordagem Comunicativa Intercultural dos Primeiros Missionários Jesuítas na China”, in *Revista de Cultura*, p. 124.

¹⁴⁶ Armando Martins Janeira, *op. cit.*, p. 160.

4. Considerações Finais

Demos a conhecer algumas orientações da Companhia de Jesus e situámo-las no contexto da expansão portuguesa no Oriente. A sua ação na Índia não pode ser limitada ao ensino ou aos currículos lecionados, mesmo que esses possam ter sofrido ligeiras alterações em relação ao que se ensinava nos colégios jesuítas em Portugal. Em todo o espaço ultramarino a Companhia propunha-se catequizar, ocidentalizar, sendo os seminários e colégios meios para obter tais objetivos: “Por la experiencia que tengo de estas partes, veo claramente, padre mío único, que por los indios naturales de la tierra no se abre camino como por ellos se perpetúe nuestra Compañía”¹⁴⁷. Para López-Gay, “la primera exigencia para una verdadera adaptación es la formación del clero indígena, regular o secular, protagonista que ha de configurar la Iglesia particular”¹⁴⁸.

A ação e importância como centros de cultura dos Colégios de Goa e Cochim, deveram-se, em parte, ao tipo de ocupação portuguesa. Enquanto em Goa a administração do espaço era portuguesa – conquista, portanto o processo de ocidentalização não enfrentava os mesmos obstáculos dos de Cochim, cujas autoridades nativas tinham de aprovar ou não o mesmo. Acresce, ainda, lembrar que os diferentes modelos de missão protagonizados pelas diferentes ordens religiosas – também dentro da mesma ordem –, assim como a existência de comunidades cristã pré-Gama, motivavam desentendimentos entre elas. Essas situações impediam ou dificultavam o sucesso de muitas das estratégias missionárias.

Um outro dado que se assinala é no que diz respeito ao uso de determinados procedimentos, não só da Ordem, mas de indivíduos dentro da mesma. Quando falamos de Jesuítas na Ásia, associamos

¹⁴⁷ J. López-Gay, “Vocaciones Indígenas”, *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, diretores: Charles E. O’Neill, S.I, e Joaquin M. M^a Dominguez, S.I., vol. IV, Roma, Institutum Historicum, S.I., Madrid, Universidade Pontifícia Comillas, 2001, p. 2750: Carta de S. Francisco Xavier, 12 de Janeiro de 1549.

¹⁴⁸ J. López-Gay, “Vocaciones Indígenas”, *Diccionario Histórico...*, vol. IV, p. 2705.

sempre determinados conceitos que se generalizam para toda a região, destacando-se a ciência e a adaptação. Mas depois de analisadas as presenças missionárias, verifica-se, por vezes, a falta de rigor na sua aplicação. Pensamos que, paralelamente à preparação e formação inerente ao missionário jesuíta, há um fator individual e de origem social que é determinante na sua ação. A Ordem era, pelos menos inicialmente, seletiva na aprovação dos seus membros. Se, por vezes e mais na sua ação no Império, aceitavam a entrada de alguns soldados que desencantados com a vida pretendiam ingressar, há, no entanto, um forte “desejo” em partirem para as “Índias”, cujas razões se podem encontrar na procedência social dos membros, no estilo e sentido missionário, ou em fatores de natureza subjetiva: a disponibilidade missionária e o martírio. Das inúmeras cartas, escritas pelos jovens religiosos que queriam partir, aparece um pensamento: “*desejo das Índias*”, isto é, o anseio por serem missionários em terras desconhecidas e seguirem o exemplo de “grandes” missionários, como nos dá conta o padre António Cabral, numa carta, escrita em Coimbra, em 1600: “Y porque a esto no me mueve mas que el deseo de seguir la cruz y oprobios de Christo y los ejemplos délos S. Francisco Xavier, Antonio Criminal, y Gonçalo de la Silveira”¹⁴⁹.

Se o “animo, as ciencias e as virtudes” eram determinantes na entrada na Ordem e particularmente na ida para o império¹⁵⁰, a formação completava a parte necessária para a sobrevivência do projeto missionário¹⁵¹. Assim, a uso da adaptação pode passar pela aceitação, vivência das culturas e permissividade para com os convertidos face ao

¹⁴⁹ Marina Massimi, *Um incendiado desejo das Índias...*, p.101. Aconselhamos esse estudo que nos apresenta as *Litterae Indipetae*, cartas escritas entre os sécs. XVI-XVII por jovens religiosos jesuítas, solicitando o envio para as missões.

¹⁵⁰ Silva Rego, *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente* (Índia), vol. IV, Lisboa, p. 156. Eduardo Javier Alonso Romo, *Los Escritos Portugueses de San Francisco Javier*, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2000, p. 556.

¹⁵¹ Silva Rego, *Documentação...*, vol. XV, p.143. Nessa coletânea encontramos muitos documentos, cujas capacidades intelectuais e morais entram na seleção dos candidatos. Com isso, não anulamos as qualidades de bons pregadores, confessores, teólogos, etc. Com o continuar da missão, nem sempre se verificou o mesmo empenho e “qualidade missionária”.

que a Igreja Romana determinava ou pelo conhecimento das ciências, como foi o caso da matemática e da astronomia, ciências que eram muito apreciadas na Corte chinesa, por exemplo¹⁵². Pelo que se iriam suceder vários Jesuítas na Corte, em Pequim, matemáticos e astrônomos, tais como: Adam Schall, Gabriel de Magalhães, Manuel Dias, Ferdinand Verbiest, Tomás Pereira, etc., tendo sido nomeados, muitos deles, como Presidentes do Observatório Astronômico de Pequim¹⁵³. O último jesuíta astrônomo ao serviço do Império do Meio foi o padre José Bernardo de Almeida, que faleceu em Pequim em 1803¹⁵⁴.

Pode-se dizer que foi o encontro com a complexa cultura e sociedade japonesa que provocou uma importante alteração das estratégias missionárias¹⁵⁵. O método denominado por *accommodatio* (acomodação) foi concebido, exatamente, para a missionação no Japão, tendo sido depois levado para a China por Matteo Ricci e, dali, para a missão indiana de Roberto Nobili, em Madurai. Esse método assentava no conhecimento da estrutura espiritual das culturas que havia na Ásia consideradas “pagãs”, mas também sociedades complexas e “civilizadas”, tendo em vista introduzir o Cristianismo através de uma substituição ou redefinição dos costumes “sociais” existentes. A conversão baseou-se nas ideias de Inácio de Loyola – fundador da Ordem – expressas nos *Exercícios Espirituais*, ou seja, uma ação “interior” e “pessoal” concretizada por “meios persuasivos e não coercivos”. Como o poder temporal e eclesiástico português se situavam muito longe do Oriente, as experiências de “adaptação cultural” progrediram com o conhecimento linguístico e a escrita de catecismos em línguas locais, assim como de textos e tratados descrevendo e explicando as religiões

¹⁵² Ian Rae, “A Abordagem Comunicativa Intercultural dos Primeiros Missionários Jesuítas na China”, in *Revista de Cultura*, n. 21 (II Série), Out.-Dez., 1994, p. 124.

¹⁵³ Ian Rae, “A Abordagem Comunicativa Intercultural dos Primeiros Missionários Jesuítas na China”, in *Revista de Cultura*, p. 125.

¹⁵⁴ Domingos Maurício Gomes dos Santos, *op. cit.*, p. 34.

¹⁵⁵ Ana Maria R. P. Leitão, “Alexandre Valignano: um Missionário Inovador no País do Sol Nascente”, in *Encontro Portugal-Japão* (coord. cient. João Paulo Oliveira e Costa), 3º fascículo, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, (199?), pp. 29-35.

locais e os costumes sociais; também houve um esforço no sentido de educar o clero local e de procurar uma relação privilegiada com a elite política local¹⁵⁶. Se Francisco Xavier, que chegou ao Japão em 1549, deu os primeiros passos para o novo método de conversão, o verdadeiro arquiteto da *accommodatio* foi Alessandro Valignano, um dos jesuítas italianos enviados para a Ásia. Abriu seminários e noviciados para a educação de padres japoneses, opôs-se às interferências na política interna do Japão, incentivou a publicação de catecismos e obras históricas, organizou uma embaixada japonesa para a Europa e obteve do Papa Gregório XII (1585) o direito exclusivo, para a Companhia de Jesus, da evangelização do Japão¹⁵⁷. Por outro lado, no Colégio da Madre de Deus, em Macau, os Jesuítas já tinham organizado a aprendizagem do idioma chinês na sua expressão erudita, o mandarim dos letrados, para prepararem os padres que continuavam a lutar para conseguirem penetrar no país e ali exercerem o apostolado. Com o idioma, aprendiam também os costumes chineses, sistema que no Japão se tinha revelado indispensável. Ricci preparou-se ali, com o padre Ruggieri e o padre Pasio, estudando os programas dos concursos para o mandarinato, e passou a dominar o chinês e as matérias próprias de um letrado chinês de alta categoria. E, no conhecimento que foi adquirindo dos chineses, verificou que, muito mais interessados do que na religião, estavam nas ciências e, em especial, na astronomia e na matemática, assim como na relojoaria. Por isso, preparou-se também para poder discutir esses temas como letrado chinês o que lhe permitiu estabelecer relações com chineses da mais alta hierarquia e entre os funcionários imperiais¹⁵⁸.

A adaptação cultural já tinha sido adotada como estratégia pela Igreja desde os seus primórdios. As relações de Ricci com os chineses não nos mostra uma submissão unilateral ou de acomodação, mas sim compreensão e respeito pela cultura dominante, apresentando também as qualidades da sua própria cultura¹⁵⁹.

¹⁵⁶ Michael Cooper, *Rodrigues, o Intérprete...*, pp. 221-226.

¹⁵⁷ Gonçalo Mesquitela, *op. cit.*, pp. 148-150.

¹⁵⁸ Gonçalo Mesquitela, *História de Macau*, Vol. I, Tomo II, Macau, ICM, 1996, p. 152.

¹⁵⁹ Ian Rae, "A Abordagem Comunicativa Intercultural dos Primeiros Missionários Jesuítas na

Paralelamente, existiu um conjunto de atividades que foram desenvolvidas no sentido de se aproximarem de culturas que lhes eram tão contrárias na sua essência. Essa preocupação aparece desde os inícios da missão. Francisco Xavier, enquanto esperava embarcar para a Índia, perguntou a Inácio de Loyola sobre o modo de lidar com os “infiéis”; e, quando esteve na Índia, teve contatos com os líderes religiosos locais, fazendo, nessa altura, observações pouco lisonjeiras sobre as suas vidas e ciência, considerando os Brâmanes como o grande obstáculo da conversão¹⁶⁰. A curiosidade pelas culturas e o desejo de combater *o outro*, fizeram desenvolver um conjunto de práticas que se tornaram características muito próprias da Companhia de Jesus, de que se destacam a aprendizagem das línguas locais e as edições de obras, não só para o ensino e divulgação das letras e da doutrina, como as que respeitam aos costumes da terra. Alessandro Valignano, Visitador do Oriente, foi o primeiro jesuíta a fazer uma síntese do Hinduísmo: *História do Princípio e progresso da Companhia de Jesus nas Índias Orientais (1580-1583)*. Este fala-nos de algumas qualidades e costumes do índio oriental: religião, cerimônias, ritual sati... Em 1594, Sebastião Gonçalves recebeu a tarefa de escrever uma história sobre a Província. Recolheu muita informação até 1606, mas parte dela perdeu-se e, mais tarde, Francisco de Souza, no seu *Oriente Conquistado*, tentou refazer os temas desaparecidos. Nessa história aborda questões como divindades hindus, transmigrações das almas e outras cerimônias hindus. Mais completo, porque analisou com maior profundidade os assuntos sobre o Hinduísmo, foi Giacomo Fenizio, no *Livro da seita dos Índios Orientais*, escrita em Malabar, com introdução e notas. Nele estão incluídos trechos dos poemas épicos *Mahabharata y Ramayana*. Gonçalo Trancoso escreveu a obra mais importante sobre o Hinduísmo, até o século XIX (Maduré, 1616), *Tratado sobre o Hinduísmo* ed. anotada de José Wicki S.J., Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos,

China”, in *Revista de Cultura*, p. 122.

¹⁶⁰ J. Lopéz-Gay, “Encuentro con las Religiones no-cristianas del Oriente”, *Diccionario...*, vol. IV, p. 2706.

1973¹⁶¹). Diogo Gonçalves S.I., *História do Malabar*, ed. de Josef Wicki, Münster, 1955, faz uma análise sobre a história e costumes malabares: casamentos, ritos de passagem, festas, superstições, etc. Lembre-se que tais descrições/análises não significavam o respeito ou adoção das culturas locais: quase sempre tinham como finalidade a sua refutação e a valorização da cultura europeia e uma forma de missionação.

A Norte, em Goa, os missionários jesuítas discutiram as obras do brâmane Gità Veaco. Mas na província do Sul o procedimento repetia-se. O padre Henrique Henriques, no livro *Contra as fábulas dos gentios*, refutou a pretensa transmigração das almas, atacando muitas das superstições das castas inferiores e tradições em que eles se apoiavam. Para além de outros, queremos aqui destacar Roberto de Nobili, na missão do Maduré, um dos missionários que maior importância deu aos estudos filosóficos. Grande conhecedor do sânscrito, quis formar um colégio ou universidade de brâmanes, com um curso de Filosofia ocidental, mas tal não se concretizou, devido à falta de recursos e ao desconhecimento do sânscrito. O missionário compôs, em 1609, em tamil, um trabalho filosófico, *O Livro da Ciência da Alma*, muito apreciado pelos letrados hindus, onde contrapõe a ideia bramânica do espírito encerrado no corpo com o conceito da forma aristotélica, *principium vitae*.¹⁶²

Em relação às obras filosóficas que pudessem ter saído desses colégios, não temos conhecimento delas, e, quando consultamos a lista de obras impressas, também não há referência, dado a atenção ter

¹⁶¹ Para melhor esclarecimento e desenvolvimento da matéria, já que são muitas as fontes que chegaram até nós, aconselhamos as seguintes leituras: Georg Schurhammer, *op. cit.*, tomo III, pp. 591-627; Joseph Wicki, *Dicionário...*, vol. III, pp. 2708-2708. Os jesuítas manifestaram também interesse por outras religiões, aconselhamos as entradas no referido *Dicionário...*, pp. 2708-2711. Também na *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*, ed. Carlos Sommervogel S.J., (ordenado alfabeticamente), Tomo I, II e III, aparecem biografias de jesuítas que andaram pelo Oriente, tendo muitos deles deixado testemunhos escritos. A título de exemplo indicamos Manuel Barradas, Francisco Barreto, Francisco Garcia, Baltasar da Costa, Fernão de Queiroz, etc.

¹⁶² Todas essas informações são tiradas do artigo de Domingos Maurício, *op. cit.*, pp. 185-186. O autor desenvolve esses e outros aspectos, dando uma síntese exaustiva das obras e temas abordados por esses missionários. Torna-se difícil, em poucas páginas, traçar um roteiro para a história da penetração da filosofia ocidental através dos missionários europeus.

sido dedicada ou à linguística ou à edificação religiosa. No entanto, sabemos que da Europa iam muitas obras e havia numerosas bibliotecas espalhadas nos colégios e casas jesuítas. Destacamos as *Sumas* de S. Tomás, as obras de Pedro da Fonseca, o *Curso Conimbricense*, as obras de Platão, a *Ética* de Aristóteles, etc.¹⁶³

De seguida e para finalizar faremos uma pequena incursão pelo campo linguístico. Não sendo objeto deste estudo, queremos, no entanto, rememorar essa componente jesuíta, a qual ganhou particular notoriedade na Índia. Como anteriormente escrevemos, uma das principais preocupações dos missionários que para aqui partiram foi a aprendizagem das línguas locais, tendo Francisco Xavier dado o exemplo. Segundo Francisco Rodrigues, para auxiliar o estudo, abriram-se várias escolas de línguas para os missionários: Punicale, Salsete, Ambalacate e Vaipicota.¹⁶⁴ Os resultados obtidos, sobretudo no Malabar, não teriam atingido a mesma dimensão se não houvesse o conhecimento das línguas locais.¹⁶⁵ Tal preocupação visava o conhecimento das línguas com a finalidade de atingirem os objetivos missionários e culturais que a Ordem se propunha, mas conseguiram, dessa forma, refutar as suas doutrinas. Isso é, não foi o apreço pelas culturas locais, mas antes a sua destruição que os moveu nesse propósito.

Entre os muitos que se distinguiram nesse campo do saber, destacamos: o padre Henrique Henriques, conhecedor da língua Tamil, que escreveu e imprimiu a *Arte da Língua Tamulica e Vocabulário*, um *Catecismo* maior e outro menor, *Vidas de Jesus Cristo, Maria*, etc.; o padre Gaspar de Aguilar escreveu a *Arte de língua Tamulica*, da qual se fez depois um *Compendio*; o padre Antão de Proença compôs: *Vocabulário Tamulico-Português*. Na Língua Concani, distinguiram-se: o padre Thomaz Estêvão, com Purâna, traduziu, ainda, em concani, a *Cartilha da Doutrina Cristã* do padre Ignácio Martins e compôs uma

¹⁶³ Idem, *Ibidem*, pp.182-183.

¹⁶⁴ Francisco Rodrigues, *A Formação Intelectual do Jesuíta*, Porto, Liv. Magalhães & Moniz Editores. 1917, pp. 341-343.

¹⁶⁵ Pe António Lourenço Farinha, *Vultos Missionários da Índia Quinhentista*, Ed. Missões Cucujães, 1955, p. 97.

Grammatica da mesma língua; do padre Diogo Ribeiro, entre outras obras, destacamos um Dicionário Concani-Português: *Vocabulário da língua Canarina, feito pelos Padres da Companhia de Jesus, que residem na Christandade de Salcete e novamente acrescentado com vários modos de fallar pelo P. Diogo Ribeiro*; outros quiseram penetrar na literatura dos brâmanes e estudaram o *Sânscrito*. Indicamos, entre outros mestres, os padres Roberto de Nobili e Antão de Proença¹⁶⁶.

Com a imprensa levada da Europa para o Japão por Valignano em 1587, vários livros foram publicados, primeiro em Macau, onde a mesma esteve desde 1588 até 1590, e depois no Japão, de que se destacam a gramática de João Rodrigues (*Arte de Lingoa de Japam*), impressa em Nagasaki (1603-1608); o dicionário português-japonês (*Vocabulário da Língua de Japão*), publicado em Nagasaki; o Dicionário Latino-Português-Japonês (*Dictionarium Latino Lusitanicum, Ac Japonicum*), impresso em Amasuka (1595); assim como textos literários japoneses em caracteres latinos, tais como *Taiheiki (Crónica da Grande Pacificação)*, *Wakan-Roeshu (Coleção de Poesia Nipo-Chinesa)*, *Kinkushu (Coleção de Provérbios)*, *Heike-Monogatari (Contos de Heike)*, e muitos outros *monogatari* (contos); também havia obras traduzidas para japonês, como livros religiosos (*Imitatio Christi*, por exemplo, publicado com o título *Contemptus Mundi*), literatura clássica europeia (como as *Fábulas* de Esopo), etc¹⁶⁷.

Na China, a imprensa cristã teria começado com o padre Michel

¹⁶⁶ Fizemos apenas um brevíssimo resumo sobre a matéria, pois é uma temática que não pode ser esquecida – e foram muitos aqueles que se distinguiram nestas regiões –, já que outros houve que enveredaram, essencialmente, por outros ramos do saber, como foi o caso da China, mas todos eles tiveram um objetivo: a missão. Aconselhamos as seguintes leituras: Francisco Rodrigues, *A Formação Intelectual do Jesuíta*, pp. 143-358; Leonor Buesco, *A Galáxia da Língua Malabar em Português*, Lisboa, Ed. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1992; David Lopes, *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, Barcelos, Portucalense Editora, 1936. A escrita e uso dos catecismos são também um outro aspecto de grande relevância na atividade jesuíta. Sobre o assunto foi feito o seguinte estudo: Cândida Barros, *Notas sobre os catecismos em línguas vernáculas das colónias portuguesas (séc. XVI - XVII)*, Revista Iberoromania, nº 57, Max Niemeyer Verlag Tubingen, 2003.

¹⁶⁷ Armando Janeira, *op. cit.*, p. 159.

Ruggieri, que publicou um catecismo em caracteres chineses para o ensino dos chineses¹⁶⁸. Em Dezembro de 1591, o padre Matteo Ricci, em Shaozhou, decidiu começar a tradução dos clássicos chineses, *Os Quatro Livros*. Em 1595, Ricci, já em Nanjing (Nanquim), escreveu um *Tratado de Amizade*, que foi aí impresso¹⁶⁹.

Na segunda metade de 1587, em Macau, o padre Duarte de Sande teria sido persuadido pelos jovens japoneses, que tinham ido como embaixadores à Europa¹⁷⁰, a publicar o livro de Joannes Bonifacius, intitulado *Christiani Pueri Institutio*¹⁷¹, na prensa tipográfica que com eles viera. O mesmo Duarte de Sande escreveu – e publicou¹⁷² com a mesma imprensa – o relatório dos jovens embaixadores, intitulado *De Missionum Legatorum Iaponensium Ad Romanam Curiam, rebusque in Europa, ac totó itinere animadversis Dialogus*, em 1690¹⁷³.

No século XVII, a mais antiga publicação em Latim é a *Epistola P. Ferdinand Verbiest, Vice-Provincialis Missionis Sinensis anno 1678 die 15 augusti, ex-curia Pekinensi in Europam ad Sócios missa*, publicada nesse mesmo ano em Beijing (Pequim)¹⁷⁴. O mesmo Verbiest é o autor de *Yixiang tu*, que significa *Para um Novo Esferograma (Instrumento do Observatório Astronómico de Pequim)*, em 1683, já em

¹⁶⁸ Manuel Cadafaz de Matos, ‘The Missions of Portuguese Typography in the South of China in the Sixteenth and Seventeenth Centuries’, in *Religion and Culture*, Macau, Macau Ricci Institute, 1999, pp. 79-80.

¹⁶⁹ Manuel Cadafaz de Matos, ‘The Missions of Portuguese Typography in the South of China in the Sixteenth and Seventeenth Centuries’, in *Religion and Culture*, pp. 81-82.

¹⁷⁰ Estes quatro jovens nobres japoneses tinham sido enviados por Valignano, em 1582, como embaixadores do Japão ao Papa e ao rei de Portugal e Espanha, Filipe II, num longo périplo que os levaria sucessivamente a Macau, Goa, Lisboa, Madrid e Roma, para daí regressarem ao Japão, onde chegaram seis anos mais tarde, tendo passado também por Macau.

¹⁷¹ Manuel Cadafaz de Matos, *Ibidem*, p. 83.

¹⁷² A autoria dessa obra tem sido atribuída, muitas vezes, ao padre Alessandro Valignano, Visitador Jesuíta do Oriente, desde o século XVII (Daniel Bartoli, 1608-1695). Cf. Américo da Costa Ramalho, ‘Father Duarte de Sande, S. J., Genuine Author of *De Missionum Legatorum Iaponensium Ad Romanam Curiam... Dialogus*’, in *Religion and Culture*, Macau, Ricci Institute, 1999, pp. 89-101.

¹⁷³ Manuel Cadafaz de Matos, *op. cit.*, p. 84.

¹⁷⁴ Manuel Cadafaz de Matos, *op. cit.*, p. 85.

língua chinesa¹⁷⁵. O padre Gaspar Castner, em 1700, teria preparado uma edição xilográfica intitulada *Relatio Spulturae magno orientis apostolo S. Francisco Xaverio*¹⁷⁶. Um outro europeu, o padre Louis Le Comte, jesuíta, que chegou a Macau em 1697, publicou, em Paris, *Nouveaux Mémoires sur l'État présent de la Chine* (com um detalhado plano da ilha de Sanchoão, incluindo o túmulo de S. Francisco Xavier)¹⁷⁷. No século XVII, foi publicado um outro trabalho bibliográfico, *Sapientia Sinica Exponente P. Ignatio a Costa Lusitano*, simultaneamente em Latim e em Chinês, cujos autores foram o padre português Inácio da Costa e o italiano Prospero Intorcetta, impresso pelos padres da Companhia de Jesus em Jianchang (China), usando o habitual método xilográfico¹⁷⁸. De 1717 há a edição de *Informatio pro Veritate Contra iniquiorem famam sparsam per Sinas cum Calumnia PP. Soc. Jesu*, em Latim, da qual não se sabe a autoria¹⁷⁹.

Podemos, pois, afirmar que a ação cultural e missionária dos jesuítas no Oriente foi decisiva para a implantação e enraizamento da cultura e demais valores dos portugueses e europeus no Oriente (entre os séculos XVI e XVIII). Eles deram a conhecer, ao Oriente, a configuração do planeta, dos continentes, povos e oceanos, assim como diversos produtos e técnicas que até então desconheciam; melhoraram as técnicas metalúrgicas, de construção naval e meios de navegação, a matemática, a geografia, a engenharia e a música; bem como aí introduziram um novo tipo de farmacêutica e medicina, um outro estilo urbanístico, etc.

¹⁷⁵ Manuel Cadafaz de Matos, "The Missions of Portuguese Typography in the South of China in the Sixteenth and Seventeenth Centuries", in *Religion and Culture*, Macau, Macau Ricci Institute, 1999, p. 86.

¹⁷⁶ Manuel Cadafaz de Matos, op. cit., pp. 86-87.

¹⁷⁷ Manuel Cadafaz de Matos, "The Missions of Portuguese Typography in the South of China in the Sixteenth and Seventeenth Centuries", in *Religion and Culture*, p. 87.

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 88.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 87.

Bibliografia

FONTES MANUSCRITAS

Anais da Biblioteca Nacional. Vol. 120 – 2000. Rio de Janeiro, 2006: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_120_2000.pdf.

– 25,1,004 n°160 HOBILI, Roberto: Petição ao reverendo governador do arcebispado de São Tomé, Jerônimo de Sá, solicitando que os direitos concedidos aos cristãos de Madurê pelo breve de Gregório XV sejam estendidos aos cristãos de São Tomé. São Tomé, 08/04/1649. 1f. Cópia. Manuscrito. Acompanha despacho favorável do governador Jerônimo de Sá.

– 25,1,004 n°161: Mesa da Inquisição de Goa. Ofício não permitindo a autorização dada pelo governador de São Tomé, Jerônimo de Sá, ao padre Roberto Hobili, sobre a extensão dos direitos concedidos aos cristãos de Madurê e aos brâmanes para os cristãos de São Tomé. Goa, 07/11/1650. 2 f. Original. Manuscrito. Assinam o documento Paulo Castelino de Freitas, Manuel da Cruz, Francisco de Barcellos, Lucas da Cruz, Manuel de Mendonça e [José Rebelo Vás]. Resposta de Jerônimo de Sá em 25,1,004 n°161A.

BA, Cod. 49-V-1: *Ásia Extrema*, I, p. 235.

BA, Cod. 49-V-5 - “Cartas Anuas do Colégio de Macau (1603-1621)”

BA, Cod. 49-V-7: “Cartas Anuas do Colégio de Macau (1616, 1620-22)”.

BA, Cod. 49-V-22: “Cartas Anuas do Colégio de Macau e Missão de Cantão (1692)”.

BA, Cod. 49-V-5 – *Série Província da China* (1600-1623): “Vida e morte do Padre Alexandre Valignano” e “Vida e morte do Padre Mateus Ricci”.

BA, Cod. 49-V-5 – *Série Província da China* (1600-1623): “Vida e morte do Padre Mateus Ricci”.

ESTUDOS

ANTHONY, E. P., *The History of Latin Catholics in Kerala*, Ernakulam, I. S. Press, 1992.

ALVAREZ, Eusébio Arnaiz, *Macau, mãe das Missões no Extremo Oriente*, Macau, Tipografia Salesiana, 1957.

ARAÚJO, Horácio Peixoto de, *Os Jesuítas no Império da China: o Primeiro século (1582-1680)*, Macau, IPOR, 2000.

BALDINI, Ugo, “As Assistências ibéricas da Companhia de Jesus e a atividade científica nas missões asiáticas (1578-1640). Alguns aspectos culturais e institucionais”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Abril-Junho, Tomo LIV, Fasc. 2, 1998.

BARROS, Cândida, “Notas sobre os catecismos em línguas vernáculas das colónias portuguesas (séc. XVI - XVII)”, *Revista Iberoromania*, nº 57, Max Niemeyer Verlag Tübingen, 2003.

BOXER, Charles R., *O Grande Navio de Amacau*, Macau, Fundação Oriente/Museu Marítimo de Macau, 1989.

BOURDON, Léon, *La Compagnie de Jesus et le Japon*, Lisbonne-Paris, Fondation Calouste Gulbenkian-Centre Culturel Portugais, 1993.

BROCKEY, Liam Matthew, *Journey to the East: the Jesuit mission to China, 1579-1724*, Cambridge, Belknap Press of Harvard University Press, 2007.

BUESCO, Leonor, *A Galáxia da Língua Malabar em Português*, Lisboa, Ed. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992.

CALADO, Adelino de Almeida, “Um Documento seiscentista da Companhia de Jesus na Índia”, *Brotéria*, Lisboa, vol. LXIII, nº 1, 1957.

Cartas Anuais do Colégio de Macau (1594-1627), (dir. João Paulo Oliveira e Costa), CTMCDP/Fundação Macau, 1999.

CHANG, Aloysius B., “The True Significance of the College of St. Paul”, in *Religion and Culture*, Macau, Macau Ricci Institute, 1999.

COOPER, Michael, *Rodrigues, O Intérprete. Um Jesuíta Português no Japão e na China do Século XVI*, Lisboa, Quetzal Editores, 2003.

DINIS, Alfredo, “Tradição e transição do Curso Conimbricense”, *Revista Portuguesa de Filosofia. Filosofia em Portugal, VI. Comemorando 450 anos da Companhia de Jesus*, Braga, Outubro-Dezembro, T. XLVII, Fasc. 4, 1991.

CRONIN, F., “Fr. Ricci and his Work in China”, in *Instituto Português de Hong Kong*, nº. 1, Julho de 1948,

Documenta Indica, Joseph Wicki (ed.), vol. I, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1948.

FARINHA, António Lourenço, *Vultos Missionários da Índia Quinhentista*, Ed. Missões Cucujães, 1955.

FERNANDES, Gonçalo, *Tratado sobre o hinduísmo*, José Wicki (ed.), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973.

FIGUEIREDO, Niceno de, *Pelo Clero de Goa. Duas Lendas: O Cisma de Goa e Ignorância do Clero Goês*, Bastorá, Tip. Rangel, 1939.

FLORES, Jorge Manuel, *Os Portugueses e o Mar de Ceilão. Trato, Diplomacia e Guerra (1498-1543)*, Lisboa, Ed. Cosmos, 1988.

FOSS, Theodore N., ”Uma Interpretação Ocidental da China: Cartografia Jesuíta”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº. 21, Out.-Dez. 1994, pp. 129-150.

FRÓIS, Luís, *Historia de Japam* (anot. por José Wicki, S.J.), Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa,

GAY, J. López, “Vocaciones Indígenas”, *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, diretores: Charles E. O’Neill, S.I, e Joaquin M. M^a Dominguez, S.I., vol. IV, Roma, Institutum Historicum, S.I., Madrid, Universidade Pontificia Comillas, 2001, p. 2750: Carta de S. Francisco Xavier, 12 de Janeiro de 1549.

GOMES, Artur Levy, *Esboço da História de Macau*, Macau, Repartição Provincial dos Serviços de Economia e Estatística Geral, 1957.

GONÇALVES, Diogo, *História do Malabar*, Ed. Josef Wicki, Munster, Aschendorffsche Verlangsbuch Handlung, 1995.

GUERREIRO, Fernão, *Relaçam annual que fezeram os padres da Companhia de Jesus nas partes da índia Oriental & em algumas outras partes da conquista deste reyno no ano de 606 & 607 & do processo de conversão da christandade daquelas partes*, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1609.

HUANG Qichen, “O Colégio de São Paulo: a Primeira Universidade em Macau”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº 30, 1997.

HUANG Qichen , “The First University in Macau: the Colégio de S. Paulo”,

in *Religion and Culture: an International Symposium Commemorating the Fourth Centenary of the University of St. Paul* (ed. John W. Witek), Macau, Macau Ricci Institute, 1999.

HUANG, Qichen, “Macau, Ponte de Intercâmbio Cultural entre a China e o Ocidente, do Século XVI ao Século XVIII”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº. 21, Out.-Dez., 1994.

HUGUES, E. R., *The Invasion of China by Western World*, New York, The Mac Millan Company, 1938.

JANEIRA, Armando Martins, *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1988.

LEITÃO, Ana Maria R. P., “Alexandre Valignano: um Missionário Inovador no País do Sol Nascente”, in *Encontro Portugal-Japão* (coord. cient. João Paulo Oliveira e Costa), 3º fascículo, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, (199?), pp. 29-35.

LOPES, David, *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, Barcelos, Portucalense Editora, 1936.

LOUREIRO, Rui Manuel, *Nas partes da China*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2009.

MALATESTA, Edward, “Alessandro Valignano, Fan Li-An (1539-1606): estratégia da Missão Jesuíta na China”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº. 21, Macau, Out.-Dez. 1994.

MATOS, Manuel Cadafaz de, “The Missions of Portuguese Typography in the South of China in the Sixteenth and Seventeenth Centuries”, in *Religion and Culture*, Macau, Macau Ricci Institute, 1999.

MAURÍCIO, Domingos, “Para a História da Filosofia Portuguesa no Ultramar. I: Índia”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, Lisboa, Janeiro - Março, Fac.1, 1945.

MAURÍCIO, Domingos, “Vice-Reis e governadores xaverianos. Jorge Cabral: Ceilão e Malabar”, *Brotéria, revista contemporânea de Cultura*, vol. LVIII,

fasc. 2, Lisboa, 1954.

MESQUITELA, Gonçalo, *História de Macau*, Vol. I, Tomo II, Macau, ICM, 1996.

MONTEIRO, Miguel Maria Santos Corrêa, *Os Jesuítas e o Ensino Médio. Contributo para uma análise da respectiva ação pedagógica*. Texto policopiado, Lisboa, 1991.

MUNDADAN, A. M., *History of Christianity in India, vol. I: From The Beginning Up To The Middle of The Sixteenth Century*, Bangalore, Church History Association of India, 1989.

PEREIRA, Fernando António Baptista, “A Conjectural Reconstruction of the Church of the College of Mater Dei”, in *Religion and Culture*, Macau, Macau Ricci Institute, 1999.

PINA, Isabel, *Os Jesuítas em Nanquim (1599-1633)*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2008.

PIRES, Benjamim Videira, *Embaixada Mártir*, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988.

PIRES, Benjamim Videira, “Jesuítas Beneméritos de Macau”, in *Religião e Pátria*, vol. XLII (26, 27, 29, 32), 1 Julho, 8 Julho, 29 Julho e 12 Agosto, 1956, pp. 606-608, 626-632, 678-680 e 771-773.

PIRES, Benjamim Videira, “Matteo Ricci e João Rodrigues, Dois Elos de Interpenetração Cultural na China e no Japão”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº 18, Jan.-Mar. 1994.

“Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599-1999)”. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Julho Setembro, T. LV, Fasc.3, 1999.

RAE, Ian, “A Abordagem Comunicativa Intercultural dos Primeiros Missionários Jesuítas na China”, in *Revista de Cultura*, II Série, nº 21, Out.-Dez., 1994.

RAMALHO, Américo da Costa, “Father Duarte de Sande, S. J., Genuine Author of *De Missionum Legatorum Iaponensium Ad Romanam Curiam... Dialogus*”, in *Religion and Culture*, Macau, Ricci Institute, 1999.

REGO, António da Silva, *Documentação para a História das Missões do*

Padroado Português do Oriente (Índia), vol. IV, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1950.

REGO, António da Silva, *O Padroado Português do Oriente, Esboço Histórico*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1940.

RODRIGUES, Francisco, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões*, Porto, Edições do Apostolado de Imprensa, 1935

RODRIGUES, Francisco, *A Formação Intelectual do Jesuíta*, Porto, Livraria Magalhães e Moniz Ed., 1917.

ROMO, Eduardo Javier Alonso, *Los Escritos Portugueses de San Francisco Javier*, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2000.

SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos, *Macau, Primeira Universidade Ocidental do Extremo Oriente*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1994.

SCHURAHAMME, Georg; WICKI, J., *Epistolae S. Francis Xaverri*, Tomo I, Romae, Monumenta Historica Societatis Iesu, 1945.

SCHURAHAMMER, Georg, *Francisco Xavier. Su vida y su tiempo*, T.III: *Índia: 1547-1599*, Gobierno de Navarra, Compañía de Jesús, Arzobispado de Pamplona, 1992.

SILVA, Beatriz Basto da, *Cronologia da História de Macau (séculos XVI-XVII)*, vol. I, Macau, Direcção dos Serviços de Educação, 1992.

SOUZA, Teotónio R. de, *Goa Medieval. A Cidade e o Interior no Século XVII*, Lisboa, Ed. Estampa, 1994.

TAVARES, Célia, *Jesuítas e Inquisidores em Goa*, pp. 171-174. ANTT, Conselho Geral do Santo Ofício, Parecer de João Delgado Figueira, promotor e deputado da inquisição de Goa sobre os sinais gentílicos (1619), Liv. 474.

TEIXEIRA, Manuel, “O 350º Aniversário da Fundação da Missão de Shiu-Hing”, in *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, Ano XXXI, nº 355, Outubro de 1933.

TEIXEIRA, Manuel, *Japoneses em Macau*, Macau, Instituto Cultural de Macau/Comissão Territorial para as Comemorações dos Descobrimentos

Portugueses, 1993.

TEIXEIRA, Manuel, *Macau e a sua Diocese, vol. XII: Bispos, Missionários, Igrejas e Escolas*, Macau, Tipografia da Missão, 1976

THOMAZ, Luís Filipe F. R., *De Ceuta a Timor*, Lisboa, Difel, 1994.

WITEK, John W., “Introdução”, in *Dicionário de Português-Chinês*, de Michele Ruggieri & Matteo Ricci (dir. de John W. Witek, S. J.), Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001.

YANG, Paul Fu - Mien, “Introdução Histórica e Linguística”, in *Dicionário Português-Chinês de Michele Ruggieri & Matteo Ricci* (dir. de John W. Witek, S. J.), Lisboa, Biblioteca Nacional, 2001, pp. 29-77.

YUUKI, Diego, “O Colégio de S. Paulo de Macau e a Igreja do Japão”, in *Revista de Cultura*, nº 30, II série, 1997.

